

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**ALINE FERREIRA MEDEIROS**

**VESTÍGIOS DE MEMÓRIAS: O MUSEU DA INFÂNCIA E AS OFICINAS DO  
PROJETO DE EXTENSÃO NO CRAS**

**CRICIÚMA**

**2014**

**ALINE FERREIRA MEDEIROS**

**VESTÍGIOS DE MEMÓRIAS: O MUSEU DA INFÂNCIA E AS OFICINAS DO  
PROJETO DE EXTENSÃO NO CRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Ma Edite Volpato Fernandes

**CRICIÚMA**

**2014**

**ALINE FERREIRA MEDEIROS**

**VESTÍGIOS DE MEMÓRIAS: O MUSEU DA INFÂNCIA E AS OFICINAS DO  
PROJETO DE EXTENSÃO NO CRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
pela Banca Examinadora para obtenção do  
Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais  
da Universidade do Extremo Sul Catarinense,  
UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação  
e Arte

Criciúma, 24 de novembro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Edite Volpato Fernandes - Mestra - (UNESC) - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus - Mestre - (UNESC)

Prof. Édina Regina Baumer - Mestra - (UNESC)

**Ao meu bom Deus e dono dos meus dias,  
que está sempre comigo, todo tempo; quem  
eu amo de todo o meu coração.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço ao meu amado Deus que tem sido tão bondoso e fiel comigo em todos os momentos de minha vida.

Agradeço aos meus pais Jorge Medeiros e Neiva Ferreira Medeiros que tanto se doaram para que eu pudesse concluir essa etapa da vida me ajudando em orações, com palavras de incentivo e carinho, pessoas a quem eu amo e tenho como exemplo. Agradeço aos meus irmãos Morgana Ferreira Medeiros Pereira e Rafael Ferreira Medeiros, ao meu cunhado Sidnoel Pereira e minha doce sobrinha Alice Pereira por fazerem parte de minha família e aos amigos e aqueles que amo, por estarem presente fazendo cada momento ser mais feliz.

Agradeço aos meus colegas de faculdade pelo companheirismo durante nossa trajetória em especial a minha eterna dupla: Franciéli Guimarães, amiga com quem eu sempre pude contar. Aos professores do curso pessoas que admiro e que são exemplos. A toda equipe do Museu da Infância com quem trabalhei e aos que conheci no período de pesquisa, a professora mestra e coordenadora do Museu Édina Regina Baumer por ter sido atenciosa e compreensiva durante os estágios e o período em que trabalhamos juntas no museu.

Agradeço a minha orientadora professora mestra Edite Volpato Fernandes, nos conhecemos na primeira fase do curso, foi quem me estendeu o convite para participar da equipe do Museu da Infância e durante esse período se mostrou uma companheira, sempre compreensiva e com uma simpatia admirável. Esteve presente desde o projeto de pesquisa, com paciência contribuindo e me auxiliando.

A todos que contribuíram para a realização desse sonho, muito obrigada!

Estarão sempre em minhas memórias.

“O que mantém o museu vivo é a relação dinâmica com a sociedade, portanto, museus não são instituições permanentes, mas práticas sociais colocadas a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, que podem nascer, crescer e morrer.”

**Chagas**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral investigar por meio dos planejamentos e relatórios semanais, como as oficinas de brincadeiras do Museu da Infância no CRAS revelam a memória de seus participantes e entre os objetivos específicos pretende-se conhecer o histórico do Museu da Infância e analisar como a memória dos participantes do projeto é evidenciada nos registros documentais e fotográficos. Parto da problemática de pesquisa: Como as oficinas de brincadeiras do projeto de extensão do Museu da Infância no CRAS revelam a memória de seus participantes? Abordo no referencial teórico questões referentes a museu, a história do Museu da Infância, a importância da memória e do brincar, as políticas de extensão e o estágio na formação de professores. Os principais autores utilizados são: Alves e Souza (2011) Bahia (2014), Cury (2010), Daniel Lins (2001), Desgrange (2005), Fortuna (2006), Goulart (2004), Leite (2005), Piantentini e Fantin (2005), Reddig (2010), Sarmiento (2002). A pesquisa classifica-se como básica, qualitativa, exploratória e adota como procedimento o documental. Apresenta fragmentos dos relatórios e registro fotográfico do projeto de extensão do Museu da Infância chamado O Museu e O CRAS, para compreender mediante as falas e/ou posicionamento das crianças e adolescentes participantes do projeto, como as memórias referentes às culturas infantis e as memórias pessoais foram reveladas por meio das brincadeiras. Assim, as informações presentes nesta pesquisa mostram a importância de preservar as memórias das infâncias, e que cabe a nós, professores e aos atuantes em espaços não formais de educação proporcionar às crianças e adolescentes a construção de conhecimento e o contato com as culturas infantis, assim como o registro de suas memórias.

**Palavras-chave:** Museu; Memória; Educação; Infância(s).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exposição temporária .....	18
Figura 2 - Exposição temporária .....	18
Figura 3 - Núcleo expositivo O brinquedo e a rua. ....	21
Figura 4 - Núcleo expositivo O brinquedo e a rua. ....	21
Figura 5 - Núcleo expositivo Infância e Paz .....	21
Figura 6 - Núcleo expositivo Infância e Paz em 2014 .....	21
Figura 7 - Exposição no Congresso Nacional .....	22
Figura 8 - Painéis com direitos das crianças .....	22
Figura 9 - Núcleo expositivo Culturas infantis na Ibero-América .....	23
Figura 10 - Núcleo expositivo Culturas Infantis na Ibero-América em 2014.....	23
Figura 11 - Núcleo expositivo Infância na Arte .....	25
Figura 12 - Núcleo expositivo Infância na Arte reestruturado no ano de 2013.....	25
Figura 13 - Exposição Infâncias e Culturas Escolares .....	25
Figura 14 - Núcleo Infâncias e Culturas Escolares.....	25
Figura 15 - Roleta do Museu da Infância .....	29
Figura 16 - Avental do Museu da Infância.....	29
Figura 17 - Brincando de Boliche no CRAS .....	42
Figura 18 - Desenhando brincadeira para o boliche.....	42
Figura 19 - Produção das Cinco Marias .....	46
Figura 20 - Brincando de Cinco Marias .....	46
Figura 21 - Conversando com Vó Maria.....	46
Figura 22 - Brincando de Peteca.....	46
Figura 23 - Contação de história .....	48
Figura 24 - Produção do livro .....	48
Figura 25 - Vitrine com produções dos participantes do CRAS.....	49
Figura 26 - Vitrine com peças em cerâmica .....	49



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
GEDEST	Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
UNA HCE	Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 VESTÍGIOS INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>2 UMA VISITA AO MUSEU .....</b>	<b>14</b>
2.1 CONHECENDO O MUSEU DA INFÂNCIA: UM LUGAR DE CULTURA.....	16
2.1.1 Das ações educativas no museu aos projetos de extensão: espaços de educação não formal .....	27
2.1.1.1 A memória e o brincar: valores culturais da infância .....	32
<b>3 DAS POLÍTICAS DE EXTENSÃO AO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....</b>	<b>35</b>
<b>4 OS PASSOS DA PESQUISA.....</b>	<b>38</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE(S).....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE A – PROPOSTA DE CURSO .....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO MUSEU DA INFÂNCIA.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO(S).....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO A - FOTOS OFICINA DO DIA 03 DE ABRIL DE 2013.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO B - FOTO OFICINA DO DIA 17 DE ABRIL DE 2013.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO C – FOTOS OFICINA DO DIA 24 DE ABRIL DE 2013.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO D – FOTO OFICINA DO DIA 08 DE MAIO DE 2013.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO E – FOTOS OFICINA DO DIA 15 DE MAIO DE 2013.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO F – FOTOS OFICINA DO DIA 29 DE MAIO DE 2013.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO G – FOTOS OFICINA DO DIA 12 DE JUNHO DE 2013.....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO H – FOTOS OFICINA DO DIA 19 DE JUNHO DE 2013 .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO I – FOTOS OFICINA DO DIA 26 DE JUNHO DE 2013.....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXO J – FOTO VISITA AO MUSEU DA INFÂNCIA NO DIA 28 DE JUNHO DE 2013 .....</b>	<b>68</b>

## 1 VESTÍGIOS INICIAIS

Nasci na cidade de Criciúma/SC onde resido até 2014 e não tinha o hábito de visitar museus e/ou espaços culturais, essas visitas aconteciam apenas em raras situações proporcionadas pelas escolas onde estudei. Lembro que quando ainda criança, conheci o Museu Augusto Casagrande<sup>1</sup> e também outros espaços culturais da cidade. Mesmo tendo pouco contato, sempre me identifiquei com a arte e esse interesse era impulsionado pelos familiares e amigos ao verem meus desenhos e atividades feitas nas aulas de artes.

No Ensino Médio entrou para minha turma uma menina que também se identificava com artes e me falou sobre o Curso de Artes Visuais da UNESC, então iniciei o curso em 2010 pensando em fazer o primeiro semestre na Licenciatura e depois passar para o Bacharelado. Mas o que eu ouvi dos professores me fez rever os planos e descobri que artes não era só desenho, que existiam linguagens que não imaginava e também a possibilidade de trabalhar além da escola, em espaços não formais de ensino, como em museus.

Na terceira fase do curso de licenciatura em Artes Visuais, durante a disciplina de Metodologia da Arte na Educação Infantil lecionada pela professora Edite Volpato Fernandes<sup>2</sup> visitamos o Museu da Infância e ela comunicou sobre uma vaga para bolsista. Entrei para a equipe do Museu da Infância em 2012, na ação educativa do museu e minhas funções, além de trabalhos referentes à organização de acervo, eram de planejar juntamente com a equipe as ações educativas, assim como a produção de materiais para oficinas de brincadeiras que acontecem durante as visitas.

Por conta desse trabalho, me envolvi com a temática de museu reformulando meu pensamento sobre o mesmo e hoje o compreendo como um lugar de cultura, educação e memória que tem como função salvaguardar, preservar e

---

<sup>1</sup>Museu Municipal Histórico e Geográfico Augusto Casagrande localizado na cidade de Criciúma-SC inaugurado em 1980. Disponível em: <[http://www.criciuma.sc.gov.br/site/turismo/pontos\\_turisticos/mus\\_eu\\_municipal\\_historico\\_e\\_geografico\\_augusto\\_casagrande-3](http://www.criciuma.sc.gov.br/site/turismo/pontos_turisticos/mus_eu_municipal_historico_e_geografico_augusto_casagrande-3)> Acessado em: 17 de agosto de 2014.

<sup>2</sup>Edite Volpato Fernandes, mestra em educação e cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UNESC. Atua na área de educação com ênfase em arte no ensino fundamental, médio e superior. Coordenou o museu da infância entre o ano de 2011 a 2014. Currículo disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8905890594106408>>1

comunicar. Ao viajar em minhas memórias lembro-me do primeiro dia de trabalho onde encontrei as acadêmicas extensionistas indo para o projeto no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS. Assim conheci o projeto de extensão do Museu no CRAS e o trabalho feito por elas, onde planejam oficinas semanalmente e registram, voltando do CRAS com as *malas do museu*<sup>3</sup> cheias de registros e produções feitas pelas crianças e adolescentes e idosos participantes do projeto.

Minha pesquisa tem como tema Educação em Museu e ao pensar no Museu da Infância e o seu projeto de extensão Museu no CRAS surgiu à problemática de pesquisa: Como as oficinas de brincadeiras do projeto de extensão do Museu da Infância no CRAS revelam a memória de seus participantes? Busco saber, entre várias questões norteadoras, um pouco da história do Museu da Infância. O que é o CRAS e qual a sua importância para seus participantes? Como ocorreu a ligação entre Museu da Infância e CRAS? Qual a importância da valorização da memória e do brincar e sua relação com a ideia de museu?

O objetivo geral é de investigar por meio dos planejamentos e relatórios semanais, como as oficinas de brincadeiras do Museu da Infância no CRAS revelam a memória de seus participantes. Tem por objetivos específicos conhecer o histórico do Museu da Infância; Conhecer o projeto de extensão do Museu da Infância no CRAS e suas atividades a partir dos registros documentais; Pesquisar a importância da memória e do brincar; Analisar como a memória dos participantes do projeto é evidenciada nos registros documentais e fotográficos. Elaborar uma proposta de curso que evidencie a valorização da memória e do brincar.

A pesquisa se caracteriza como exploratória e documental, pois nela é realizado o estudo nos registros que aconteceram durante e após as oficinas de brincadeiras do projeto de extensão do Museu da Infância no CRAS. Pretendo com essa pesquisa conhecer melhor a história do Museu da Infância e suas ações educativas dando enfoque ao seu projeto de extensão no CRAS Tereza Cristina em Criciúma/SC, pesquisando os vestígios de memória e a importância do brincar. Também busco promover alargamento do olhar dos acadêmicos do curso de Artes Visuais e professores de Artes para as possibilidades de educação em espaços não

---

<sup>3</sup> As malas do museu são customizadas com fuxico, botões, tecidos e bonecos. A primeira delas foi confeccionada pela equipe do museu e a segunda foi produzida em uma oficina do projeto O Museu e o CRAS. Nelas são guardados os objetos usados nas oficinas, tanto nos projetos de extensão como nas oficinas realizadas após a mediação no Museu da Infância.

formais, contribuindo para o incentivo a ações que busquem a construção de conhecimento sobre as infâncias e a preservação da memória.

O embasamento teórico está estruturado em capítulos e inicialmente realizo uma abordagem sobre museus, seu papel, suas ações e temáticas. Para isso cito autores como Ana Beatriz Bahia (2014), Maria Isabel Leite (2005 e 2006), Reddig (2010) e Cury (2010). No capítulo seguinte apresento uma história do Museu da Infância a fim de conhecer e entendê-la melhor, embasado em Ana Beatriz Bahia (2014), Maria Isabel Leite (2011), o site do Museu da Infância (2006) e Reddig (2007).

Em seguida escrevo sobre as ações educativas no museu aos projetos de extensão como espaços de educação não formal; relato uma experiência de ação educativa vivenciada no Museu da Infância e entre os autores citados estão Alves e Souza (2011) e Fortuna (2006). Escrevo ainda sobre a memória e o brincar com base principalmente nos autores Daniel Lins (2001), Leite (2006), Desgrange (2005), Piancentini e Fantin (2005) e Sarmiento (2002).

No capítulo terceiro escrevo sobre a extensão universitária e sobre a importância do estágio na formação de professores, onde relato minha experiência de estágio em espaço não formal tendo apoio nas concepções de Volpato (2012) e Goulart (2004).

É uma viagem de pesquisa às escritas de outros autores e uma visita à memória de experiências que vivenciei dentro do museu e da universidade, com destino aos vestígios de memórias e a valorização das diferentes infâncias.

## 2 UMA VISITA AO MUSEU

Mesmo quem não tem o hábito de frequentar museus pode definir essa palavra a partir de seu repertório de experiências. Em dicionários é possível encontrar muitos significados para museu, até mesmo distintos. No Michaelis<sup>4</sup> online define-se museu como:

1 Coleção de objetos de arte, cultura, ciências naturais, etnologia, história, técnica etc. 2 Lugar destinado ao estudo e principalmente à reunião desses objetos. 3 Casa que contém muitas obras de arte. 4 Reunião de musas. **M. científico:** aquele que se destina a documentar as conquistas da ciência e da tecnologia. **M. de Belas-Artes:** museu de obras de pintura, escultura e gravura. **M. histórico:** lugar onde estão expostos objetos de arte referentes à História e que recompõem uma série de fatos.

Ao receber os visitantes do Museu da Infância, antes de nos encaminharmos para o núcleo expositivo, costumava perguntar a eles: o que é museu? As respostas eram diversas, mas geralmente relacionadas a uma grande construção, um prédio com acervo composto por antiguidades e quando questionados sobre visita em museus compreendia-se o porquê traziam esse conceito, pois poucos tinham o hábito de frequentar museus. Porém conforme a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

As temáticas dos acervos dos museus são variadas e até mesmo inusitadas como: o Museu da Arte Ruim<sup>5</sup> nos Estados Unidos e o Museu dos Fósforos<sup>6</sup> em Portugal. Mas o que são museus e qual sua história? Leite (2005, p. 25) relata que no início “O acesso era restrito e eleitos mediante a argumentação de

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=museu>> Acesso em: 08 ago. 2014.

<sup>5</sup> O MuseumOfBadArt que no português significa Museu da Arte Ruim é o único museu do mundo dedicado à coleção, preservação, exibição e celebração da arte ruim em todas as suas formas. Disponível em: <<http://www.museumofbadart.org/>> Acesso em: 19 ago. 2014.

<sup>6</sup> O Museu dos Fósforos possui coleção de caixas, carteiras e etiquetas de caixas de fósforos. Disponível em: <<http://museudosfosforos.vidasmundanas.net/?q=home>>

que o povo não se interessava pelos instrumentos de cultura, não sabendo comportar-se nos museus.”. A imagem que havia sido construída para o museu era de um espaço importante, porém restrito a uma elite culta e pensadora, mas com o passar do tempo esse conceito foi sendo modificado, assim como também sua política de acesso que foi se tornando mais abrangente.

Assim, frentes renovadoras buscaram intensificar as relações museu-público (fazendo a população sentir-se no direito e no dever de participar livre e voluntariamente das exposições); tentaram romper com a estrutura tradicional de museu (utilizando técnicas que viabilizassem a consciência da população sobre seus problemas cotidianos e possíveis alternativas a eles); projetaram o museu sobre seu contexto social imediato (apontando a necessidade de engajamento da população, transformando-a em guardiã de seu patrimônio); e enfatizaram a dimensão pedagógica dessa instituição. (LEITE, 2005, p.27)

O museu, então, assume um novo papel que vai além do salvaguardar, ele comunica algo para alguém, e esse sujeito e essa ação, são determinantes. Museu não é algo padronizado: um local onde se deve permanecer em silêncio, ler o que tem para ser lido, observar o que está exposto e ouvir o que tem para ser ouvido de seus mediadores. Ana Beatriz Bahia (2014) escreve que “[...] a comunicação em museus não deve ser entendida como monólogo autoritário. O discurso museal nunca é sumário; é repleto de pontos polêmicos e de paradoxos que suscitam diálogos com o público.”.

Ele pode ter uma estrutura muito bem edificada e seu acervo ser composto por objetos raros, mas sem o envolvimento com a população seria como lançar um bumerangue e vê-lo voltar ao ponto de início. Esse *novo*<sup>7</sup> museu é cultura, memória, educação, conhecimento; é uma flecha que tem um alvo. Museus em todo o mundo se colocam como local de memória e educação, exercendo sua função social. Maria Isabel Leite (2006, p.76) escreve que:

Sua função social mais premente é ser esse espaço de comunicação direta com a comunidade. Esta dinâmica faz do museu um espaço de diversidade sem, no entanto, jogar fora o velho, ou guardá-lo bolorento – mas debruçando-se criticamente sobre ele, fornecendo instrumentos para diálogo permanente.

Algumas pessoas ainda se referem a museu como um lugar onde se

---

<sup>7</sup> Novo museu se refere à nova concepção e ideia de museu com mudança na política de acesso, concepção de espaço e acervo.

guardam velharias não mais úteis, mas um grande passo já foi dado na intenção de estreitar a relação entre o museu e a sociedade, porém ainda há muito para ser feito a fim de que se possa ter uma relação estável, é preciso modificar e convidar o público para ser feliz no museu.

Qual o valor histórico desse acervo? Por que ele e não outro similar a este que está exposto em um museu? Que relação pode se fazer com essa coleção e a história pessoal de cada visitante? No caso do Museu da Infância, ao estar em frente com alguma vitrine, era de costume perguntar às crianças se conheciam aquele brinquedo, aquele livro ou aquela história. Alguns conheciam e com toda empolgação relatavam onde, quando e como brincavam, outros faziam relações com os brinquedos atuais ou suposições de nomes e formas de brincar. Reddig (2010, p.8) escreve sobre esse processo de leitura entre sujeito e o museu.

Logo, entender e 'ler' os museus, com suas coleções e articulações, capazes de representar nossa identidade, nos quais o cidadão encontra traços de sua cultura, do fazer cotidiano ao fazer elaborado, contribui para nossa identificação como sujeitos dessa e nessa História, podendo utilizar esse referencial no sentido de compreender o passado, se situar no presente e pensar o futuro.

Esse espaço de cultura, educação e memória chamado museu, necessita de um lugar frequente nas agendas pessoais e nos planejamentos das instituições de ensino. É neste sentido que "[...] o patrimônio cultural musealizado é recurso educacional inestimável para a cidadania e as construções das memórias e identidades, processos a que todo indivíduo tem o direito de participar." (CURY, 2010, p.359).

Enfim o que são museus? Alguns são grandes prédios, outros são ao ar livre, alguns tem som e outros têm roupas postas em cabides, cada um com seu estilo e sua temática, independente se a porta é trabalhada a ouro, de madeira ou imaginária, elas estão abertas aos que estão dispostos a passar por elas.

## 2.1 CONHECENDO O MUSEU DA INFÂNCIA: UM LUGAR DE CULTURA

Qual adulto não foi criança? Piloto de uma nave espacial? Especialista em cozinhar lama? Serviu ao exército imaginário? Correu olhando para cima enquanto sua pipa no céu permanecia, ou caía? Foi melhor mãe e pai do mundo de



uma boneca e caiu muito de bicicleta. Com canetas nas mãos era o mestre em maquiagem permanente e como toque final, pintava até o dente. Todos já fomos crianças e por mais simples que tenha sido a nossa infância, sempre temos uma lembrança.

Conheci um lugar assim, repleto de memórias, com brinquedos que brinquei e outros que nunca imaginei. É só entrar nele e parar para observar que, de repente, pedacinhos de memória começam a borbulhar dando um brilho no olhar. Ele é um museu chamado de Museu da Infância e surgiu com o desejo e a necessidade de refletir e acrescentar mais conhecimento sobre as temáticas relacionadas a infância. Ana Beatriz Bahia<sup>8</sup> (p.1) que esteve presente no início do Museu da Infância, entre os pesquisadores convidados externos, em seu texto *Constelações culturais no Museu Virtual da Infância* relata que:

O museu foi concebido em 2005, por professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), junto ao Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética (<http://www.gedest.unesc.net>). Proposto como projeto de extensão, coordenado pelo Prof. Dr. Celdon Fritzen, juntamente da Profª Drª Maria Isabel Leite e do Prof. Dr. Gladir Cabral, contou ainda com a colaboração de alunos de graduação e de pós-graduação da instituição, além de pesquisadores convidados externos – como é o meu caso. Desde 2006, ali se realizam exposições, oficinas com grupos escolares e atividades para educadores, eventos abertos às comunidades intra e extra-universitária.

Maria Isabel Leite que foi fundamental durante esse processo de concepção do museu escreve em seu blog chamado *Repensando Museus*<sup>9</sup> (2011) sobre o Museu da Infância, comentando sobre sua missão.

Consustanciado como um espaço de preservação, produção e circulação da produção científica e artístico-cultural para, sobre e da infância, visando contribuir para ampliação de repertório artístico-cultural de crianças e adultos, na reformulação dos processos de formação de educadores, nos projetos de ação pedagógica das escolas e demais instâncias culturais, dando subsídios para pesquisadores da infância e para políticas públicas de educação e de acesso à cultura.

Desde então, o Museu da Infância tem se mantido ativo preservando, promovendo e divulgando objetos/atividades feitas para crianças como brinquedos,

---

<sup>8</sup> <http://www.quelicera.casthalia.com.br/portfolio/mi/minhoIEC.pdf>

<sup>9</sup> *Repensando Museus* é um blog que tem como editora Professora Drª Maria Isabel Ferraz Pereira Leite juntamente com a colaboração de outros pesquisadores da área. Disponível em: <<http://repensandomuseus.blogspot.com.br/>> Acessado em: 19 de agosto de 2014.

livros e jogos a produção das crianças como seus desenhos, pinturas e brinquedos e também o que é produzido sobre infância como filmes e livros. Alguns de seus diferenciais são a forma e o espaço em que ele se constitui, pois está localizado em espaços de circulação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Maria Isabel Leite (2011) <sup>10</sup> escreve que no início do museu “a visibilidade do acervo físico, entretanto, por falta de espaço próprio, vinha se fazendo parcial e fragmentada em exposições temporárias de curta duração.” [Figura 1] [Figura 2]. O acervo era exposto em caixas retangulares de madeira, pintadas com cores diferenciadas, podendo ser observado por uma parte em que era coberta por vidro. Elas ficavam dispostas no chão sendo de fácil acesso, especialmente para o público infantil.

Figura 1 - Exposição temporária



Fonte: Arquivo do Museu da Infância, Ano 2010.

Figura 2 - Exposição temporária



Fonte: Arquivo do Museu da Infância, Ano 2010

Outra solução criada, foram as paredes invisíveis, como relata Maria Isabel Leite<sup>11</sup> (2011):

No segundo semestre de 2007, o PPGE/UNESC recebeu, por três meses, um professor visitante – Professor Dr. Julio Romero Rodriguez, da Universidad Complutense de Madrid – e este desenvolveu, junto à equipe do Museu, um conceito de **museu-sem-paredes**. Romero baseia-se no uso de linhas e cores como demarcadores espaciais para a nova proposta [...].

<sup>10</sup>[http://repensandomuseus.blogspot.com.br/2011\\_02\\_20\\_archive.html](http://repensandomuseus.blogspot.com.br/2011_02_20_archive.html)

<sup>11</sup>Relato feito no blog Repensando Museus. Disponível em: <http://repensandomuseus.blogspot.com.br/> Acessado em: 19 de agosto de 2014.

Essa profusão de linhas e cores delimita e, simultaneamente, deixa abertos/vazados os espaços, Nessa direção, para a organização de suas exposições, o Museu da Infância toma como referência estética o **conceito de instalação**<sup>12</sup>.

Esses espaços vazados são também chamados de portas, onde os visitantes são orientados a entrar no museu passando por elas. Para melhor preservação do acervo e reduzir os riscos, já que frequentemente as crianças se apoiavam sobre o vidro, houve a troca das vitrines em 2012 passando a ser, a maioria no formato retangular, de aproximadamente um metro de altura com as frentes de vidro contendo rodas embaixo delas para possibilitar a mobilidade. Essas vitrines ficam em locais de grande circulação de pessoas, e esses espaços de exposição são chamados de núcleos expositivos.

Nos anos de 2013 e 2014 foi elaborada e aprovada a portaria do museu na UNESCO, documento que regulamenta o funcionamento do Museu da Infância, Resolução n. 01/2014/REITORIA, nela consta que os objetivos do museu são:

I – Pesquisar, valorizar, organizar, preservar, expor e comunicar sobre concepções de infâncias e seu acervo que é composto por produções das crianças, para crianças, e também sobre a infância.

II – Organizar exposições temáticas para a visitação pública, visando à ampliação do repertório artístico-cultural, a construção da cultura de valorização da infância, da memória e da identidade, a constituição de uma cultura de visitação dos museus, de forma a efetivar ações que promovam a emancipação do sujeito/cidadão;

III – Colaborar na formação e no aperfeiçoamento de profissionais e docentes, do corpo técnico e funcional de museus, nos projetos de ação educativa das escolas, dando subsídios para pesquisadores da infância e para as políticas de educação e de acesso à cultura;

IV – Possibilitar o desenvolvimento de estudos, a partir de diferentes linhas de pesquisa, sobre o museu e a(s) infância(s) visando à valorização, preservação e democratização do acesso aos bens culturais;

V – Responsabilizar-se pela guarda e ampliação de seu acervo museológico e disponibilização para uso científico, educativo e cultural, bem como proceder à catalogação segundo normas técnicas e encarregar-se da preservação e conservação do referido acervo;

VI – Manter intercâmbio com outras entidades congêneres visando atuação integrada com fins preservacionistas, e propiciar o aperfeiçoamento do

<sup>12</sup>Segundo Itaú Cultural, o termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando assemblage ou ambiente construído em espaços de galerias e museus. Para a apreensão da obra é preciso percorrê-la, passar entre suas dobras e aberturas, ou simplesmente caminhar pelas veredas e trilhas que ela constrói por meio da disposição das peças, cores e objetos. Disponível

em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3648](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3648)>. Acessado em: 19 de agosto de 2014.

corpo técnico e funcional.

O documento é muito relevante e significativo para a continuidade das atividades do Museu, porque torna públicos os objetivos aos quais o Museu se dedica, garantindo a continuidade do mesmo em uma coerência de propósitos.

Mantendo e ampliando sua abrangência e significação, o museu vem colocando em prática as ações objetivadas desde sua concepção, pois como consta no Art. 2º da Resolução n. 01/2014/REITORIA compete ao Museu da Infância:

- a) Executar atividades por meio de estudos e pesquisas relacionadas às concepções de infâncias contemplando o acervo que é composto por produções das crianças, para crianças, e também sobre infância.
- b) Atender e orientar professores e alunos da educação básica e ensino superior, além de grupos de idosos e demais interessados.
- c) Elaborar e desenvolver cursos, palestras e ações educativas.
- d) Prestar serviços de consultoria a órgãos públicos e privados.
- e) Orientar estagiários e bolsistas nas áreas afins.
- f) Formar, manter e ampliar constantemente as coleções.

Em 2014 o Museu da Infância está estruturado com cinco núcleos, realizando exposições temporárias que preservam a temática contida e para cada um deles. **O Brinquedo e a Rua** [Figura 3] [Figura 4] é o núcleo expositivo que possui a temática de brinquedos e brincadeiras que são brincados tendo como espaço a *rua*<sup>13</sup>. Nele existe o destaque para uma vitrine grande no formato retangular toda de vidro onde o acervo é exposto de forma diferenciada das demais vitrines.

---

<sup>13</sup> Esse espaço chamado de rua se refere a locais fora de casa como o pátio, o parque e a própria rua.

Figura 3 - Núcleo expositivo O brinquedo e a rua.



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2008.

Figura 4 - Núcleo expositivo O brinquedo e a rua.



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2014.

Neste núcleo, além da vitrine de vidro existem mais quatro vitrines no formato retangular, com rodas que facilitando a mobilidade das mesmas e que ao serem movidas possibilitam a criação de diferentes composições, se constituindo como algo dinâmico.

**Infância e Paz** [Figura 5] [Figura 6] é o núcleo expositivo que na sua origem tem o objetivo de dialogar com os direitos da criança apresentando a produção de crianças, para e sobre a infância, como desenhos, painéis bordados, pinturas, livros, esculturas e brinquedos.

Figura 5 - Núcleo expositivo Infância e Paz



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2012.

Figura 6 - Núcleo expositivo Infância e Paz em 2014



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2014

Esse núcleo teve participação especial em circuitos expositivos, inclusive



no Salão do Congresso Nacional<sup>14</sup>, na exposição intitulada Infância e Paz onde estiveram presentes os painéis bordados [Figura 7] [Figura 8] com os direitos da criança e do adolescente, assim como vitrines expositivas com o acervo do museu. Lucena (2009) escreve sobre essa exposição registrando que:

Traz, também, elementos do acervo que remetem à **produção cultural da infância**, como desenhos, pinturas e esculturas infantis, sublinhando a presença de quatro painéis com direitos das crianças bordados por bordadeiras e ilustrados por meninos e meninas de Jardim II e do 1º. Ano do 1º. Ciclo da E.M.E.I.E.F. Prof. Moacyr Jardim de Menezes, em Criciúma/SC.

Figura 7 - Exposição no Congresso Nacional



Fonte: Flickr do Museu da Infância, Ano 2010

Figura 8 - Painéis com direitos das crianças



Fonte: Flickr do Museu da Infância, Ano 2010.

O núcleo Infância e Paz está localizado dentro do campus da UNESCO no térreo bloco XXI-C, onde a criação e a ocupação desses espaços tem a finalidade de instigar a reflexão, divulgar e criar diálogos em torno dos direitos da criança e do adolescente, apregoando a paz ao conscientizar sobre as diferentes infâncias a fim de que seus direitos sejam preservados garantindo uma vida digna, uma infância feliz.

O núcleo expositivo **Culturas Infantis na Ibero-América** surgiu em 2008, que foi o ano Ibero-americano de museus e segundo as informações encontradas no

<sup>14</sup>Notícia referente à exposição no site do Senado. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/senado/portaldoservidor/jornal/Jornal108/Espaco\\_cultural/cultura\\_exposicao\\_infancia\\_paz.aspx](http://www.senado.gov.br/senado/portaldoservidor/jornal/Jornal108/Espaco_cultural/cultura_exposicao_infancia_paz.aspx)>. Acessado em: 10 de setembro de 2014.

site do Museu da Infância (2008).

O *Museu da Infância* promove a exposição **Infância na Ibero-américa**, cujo objetivo é pensar criticamente produções DE, PARA e SOBRE as crianças nestes países. Esta mostra disponibiliza, ao visitante, poesias, pinturas, brinquedos, imagens de criança em produção, mídias diversas, bem como informações acerca das diferentes realidades vividas por estes meninos e meninas. Trazer à tona uma diversidade de olhares acerca da infância é reiterar a idéia de que não há uma infância única e padronizada, mas uma multiplicidade de modos de ser criança nos diferentes tempos & espaços.

O tema dessa exposição se tornou um núcleo do museu [Figura 9] [Figura 10], e o mesmo fica localizado no bloco Q dentro do campus da UNESC. Nele se propõe o diálogo com as diferentes realidades das infâncias e culturas dos países ibero-americanos<sup>15</sup>.

Figura 9 - Núcleo expositivo Culturas infantis na Ibero-América



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2012.

Figura 10 - Núcleo expositivo Culturas Infantis na Ibero-América em 2014



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2014.

Neste núcleo existem pinturas, desenhos, brinquedos, livros produzidos em países pertencentes a Ibero-América e também reproduções autorizadas de pinturas do artista brasileiro Cândido Portinari, que ao representarem brincadeiras, dialogam com o acervo exposto e a temática refletindo sobre as múltiplas infâncias.

Existe também **Infância na Arte** que é um núcleo composto por imagens de obras de arte [Figura 11], onde é registrada por meio delas a infância e a sua representação na arte. A concepção desse núcleo é proveniente da pesquisa de

<sup>15</sup> Segundo a Secretária-Geral Ibero-Americana "A Comunidade Ibero-Americana é composta pelos 22 países de língua espanhola e portuguesa da América Latina e da Península Ibérica;". Estão presentes países como: Brasil, Guatemala, México entre outros. Disponível em: <[http://segib.org/documentos/por/portugues\\_web\\_hojas.pdf](http://segib.org/documentos/por/portugues_web_hojas.pdf)> Acessado em: 03 de setembro de 2014.

mestrado da professora Amalhene Baesso Reddig intitulada A infância representada nos Espaços Museais de Santa Catarina: reflexões sobre educação, identidade cultural, museus, arte e infância. Em suas considerações Reddig (2007, p. 102-103.) escreve que:

São nessas “coisas” que podemos preservar a tradição; preservar a cultura, a arte, as identidades culturais e a infância em suas múltiplas facetas – seja no que retratam e/ou nos remetem as obras de arte do MASC, os brinquedos do Museu do Brinquedo e Museu da Infância, as obras de Portinari, os filmes, a literatura, a música - esse talvez seja o maior propósito dos museus observados. E mais: na medida em que possamos guardar essa porção criança que contemos e abrir-nos para o riso e o brincar podemos também dar maior visibilidade a nossa identidade, não termos uma “visão ísola/ilhada” da infância e tornar a vida mais lenta.

O núcleo expositivo inicialmente era composto por reproduções de obras de arte pertencentes ao Museu de Arte de Santa Catarina. Porém em 2013 foi reestruturado [Figura 12], com a contribuição feita durante a realização do estágio da acadêmica Izaltina Fernandes do Curso de Artes Visuais – Bacharelado. Por meio de sua pesquisa o Museu recebeu a autorização para a exposição de reproduções de obras de artistas locais como Angélica Neumaier<sup>16</sup> uma artista contemporânea que trabalha principalmente com a gravura, serigrafia e estamparia. As demais reproduções de obras são de artistas participantes do Projeto Conexão, curso de pesquisa e pintura histórica, coordenado por Maria Marlene Milaneze Just<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Angélica Neumaier currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8844955259241969> Acessado em: 10 de setembro de 2014.

<sup>17</sup> Maria Marlene Milaneze Just currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7732358689787714> Acessado em: 10 de setembro de 2014.

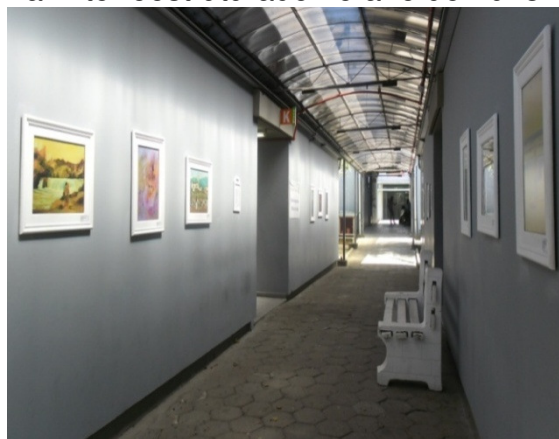


Figura 11 - Núcleo expositivo Infância na Arte



Fonte: Arquivo do Museu da Infância. Ano 2008.

Figura 12 - Núcleo expositivo Infância na Arte reestruturado no ano de 2013.



Fonte: Arquivo do Museu da Infância. Ano 2013.

O núcleo fica localizado no corredor do bloco K, dentro do campus da UNESCO, local de grande trânsito de acadêmicos, professores, funcionários e visitantes que por ali passam e podem prestigiar as imagens, refletindo sobre as mesmas, podendo estabelecer conexões com suas infâncias.

E para completar a apresentação do Museu da Infância, temos o núcleo **Infâncias e Culturas Escolares** [Figura 13] [Figura 14] que é composto por objetos da cultura escolar, que foram doados por escolas da região e fazem parte da exposição fotos em ambiente escolar, mobiliário de escolas, materiais da secretaria como máquina de escrever, cadernos, livros, desenhos, textos, material de apoio didático como mimeógrafo, giz e lápis.

Figura 13 - Exposição Infâncias e Culturas Escolares



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2008.

Figura 14 - Núcleo Infâncias e Culturas Escolares



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2008.

## De acordo coma publicação do site Museu da Infância (2006)

Esta proposta de exposição é um convite à reflexão crítica sobre a relação infância e culturas escolares e, ao mesmo tempo, um despertar da memória de cada um de nós; a possibilidade de, a partir de imagens, objetos e textos, resgatarmos e ressignificarmos histórias; aguçarmos curiosidades; instigarmos a busca por novos saberes.

Até 2013 o núcleo esteve no campus da UNESCO, bloco Z, sala 1 e também foi deslocado para exposições em eventos, porém em 2014 a coordenação juntamente com o acervo do museu e o núcleo expositivo Infâncias e Culturas Escolares foram transferidos para a sala 13 do mesmo bloco.

Cada núcleo possui uma temática específica e diversificada em torno da infância, o espaço em que brinca a criança, as multiplicidades de infâncias, a sua presença e os seus direitos, mas, qual a importância desse estudo? Reddig (2010, p. 7) escreve que “[...] nós, educadores ou não, temos um papel a desempenhar para garantir às crianças uma infância que possibilite a ela conhecer e interagir com sua cultura, os espaços formais e não formais de educação, buscando aprender, sonhar, imaginar e criar.”.

É muito mais do que simplesmente dizer à criança: no meu tempo era assim. É falar, mas também parar para refletir por que no tempo dela é assim? Por que a avó construía a própria boneca com sabugo de milho e hoje sua neta brinca no computador o jogo de vestir bonecas? Reddig cita Barbosa para falar sobre as diferentes infâncias.

Falar de uma infância universal como unidade pode ser um equívoco [...]. Uma certa universalização é necessária para que se possa refletir sobre ela, sendo importante ter sempre presente que a infância não é singular, nem única. A infância é plural: infâncias”. (BARBOSA, 2000, p. 101, apud. REDDIG, 2010, p. 6.).

Não existe uma única infância tão vivida e valorizada que dê o direito de desmerecer outra; cada infância é única e tem o seu valor. Ampliando seu público e o espaço ocupado pelos núcleos expositivos dentro na UNESCO que estão disponíveis desde 2005 e possibilitando ter um contato mais próximo com o acervo, o museu lançou um espaço virtual. Segundo consta no próprio site (2006) “Em 2006, para que todos pudessem conhecer melhor o que o Museu guarda, o seu acervo, foi lançado o Museu Virtual da Infância.” Ele tem sido um grande contribuidor

em pesquisas referentes à infância e museus virtuais, sendo citado em várias publicações sobre essa temática. De acordo com registros sobre o Museu da Infância no site Saatchi Gallery esse espaço virtual foi obtido por meio de Edital:

Uma de nossas ações é a criação do Museu Virtual da Infância, inicialmente financiado pelo CNPq (Edital MCT/CNPq 50/2006, pesquisa realizada entre 7/2007 a 7/2009) para o desenvolvimento de banco de dados para arquivamento, pesquisa e acesso ao acervo do museu.

Mas o que o visitante encontrará no museu virtual além do acervo em exposição? Ana Beatriz Bahia (2014) escreve que:

O acervo Museu Virtual da Infância não contará apenas com as peças do Museu da Infância, mas com o de outras instituições e pessoas colaboradoras que estão participando da construção desse “planetário” de culturas DA, SOBRE e PARA a infância, mediante a doação de reproduções digitais de objetos referentes ao tema, assim como, das informações solicitadas para sua inclusão no banco de dados. É dessa forma que o Museu Virtual da Infância pretende constituir-se como espaço promotor do conhecimento, com recursos que permitam aos pesquisadores construir “constelações” de culturas infantis a partir dos dados ali veiculados.

Quando o visitante, uma criança, um jovem, um adulto ou um idoso, entra em contato com um espaço como esse, não são apenas brinquedos, brincadeiras, filmes, livros, enfim acervo composto por objetos da cultura infantil, é o símbolo de um passado vivido, sonhado ou ouvido, é a construção de um presente e o pensamento de um futuro, a valorização da própria história, é um lugar de cultura e memória.

### **2.1.1 Das ações educativas no museu aos projetos de extensão: espaços de educação não formal**

O Museu da Infância, em 2014 conta com dois bolsistas de 20 horas semanais, sendo que um atua no período matutino e o outro no período vespertino e juntamente com a coordenação do museu são responsáveis pela organização do acervo, montagem de exposições e das ações educativas.

Entre as ações providas pelo próprio museu, ele tem participado com frequência de eventos nacionais promovidos pelo IBRAM e um deles é A Semana

Nacional dos Museus que segundo o próprio site do IBRAM “acontece anualmente celebração ao Dia Internacional dos Museus, 18 de maio.” durante a semana é realizado uma programação especial como exposição, mediações e oficinas de acordo com o tema previsto pelo evento e a temática do museu. A Primavera dos Museus é outro evento presente na agenda do Museu da Infância, acontece em setembro e tem como metas:

Mobilizar os museus brasileiros a desenvolver atividades especiais (como exposições, palestras, oficinas, seminários, ações educativas) em torno de um mesmo tema. Resultados: - Sensibilizar os museus e a comunidade para o debate sobre temas da atualidade. - Estimular a visitação a museus. - Incentivar a aproximação entre sociedade e museus. (BRASIL, 2013).

Como já foi ressaltado, o museu precisa da comunidade para exercer sua função, pois ele sozinho é apenas uma construção, um acervo, uma ideia a ser comunicada. Mas, quando a comunidade vai ao museu, como receber esses visitantes? Pode ser indicado um conhecimento prévio e/ou algo para ser trabalhado após a visita?

No site do Museu da Infância (2006), existe o espaço do educador <sup>18</sup> que disponibiliza materiais de apoio para a visualização antes das visitas: “[...] pretende ajudar ao professor em suas ações junto às crianças – tanto naquilo que se refere às visitas ao museu (*propostas para antes, durante e depois das exposições*) quanto em outras áreas; e ainda com grupos de formação.”.

Relacionando a ações do museu ainda cito que no ano de 2012 durante a 3ª Semana de Ciência e Tecnologia juntamente com Camila Fernandes, também bolsista do Museu da Infância e Edite Volpato Fernandes, coordenadora do museu naquele período, apresentamos um banner com comunicação oral, referente à pesquisa que surgiu de uma experiência de ação educativa. Seu título era O Imaginário do Museu da Infância nos Bolsos do Avental.

A proposta surgiu quando estávamos planejando uma forma de apresentarmos o museu aos visitantes. Tínhamos recebido doações de materiais educativos e lúdicos produzidos por acadêmicos do Curso de Artes Visuais durante a disciplina de Metodologia da Educação Infantil e entre os materiais doados havia

---

<sup>18</sup> Acesso ao material de apoio pedagógico do Museu da Infância no espaço do educador. Disponível em: <http://www.museudainfancia.unesc.net/?menu=educador> Acesso em 04 nov. 2014.

uma roleta [Figura 15] feita com um aro de bicicleta adornado com cordas coloridas e adaptado em um suporte de madeira. Confeccionamos dois aventais [Figura 16] com bolsos grandes e colocamos números neles, similares aos colocados na roleta.

Figura 15 - Roleta do Museu da Infância



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2012.

Figura 16 - Avental do Museu da Infância



Fonte: Arquivo Museu da Infância, 2012.

Então, após a visita aos núcleos do museu, convidávamos para uma brincadeira. Nós bolsistas vestíamos os aventais que tinham guardados em seus bolsos alguns brinquedos semelhantes aos presentes no acervo em exposição e orientávamos os visitantes para se sentarem em formato de círculo.

Cantávamos:

*Minha mãe mandou  
Eu escolher esse daqui,  
Mas como eu sou teimoso (a)  
Eu escolho esse daqui.*

Assim era feita a escolha do participante que recebia o direito de girar a roleta, ansiosos observavam em que número a roleta iria parar e quando parava no número três, o participante tentava descobrir qual brinquedo havia dentro do bolso de número três do avental que nós bolsistas vestíamos.

A descoberta do brinquedo que estava escondido no bolso poderia ser feita ou pelo formato que o objeto criava no bolso feito de tecido, pelo som que produzia, ou também por dicas que dávamos. Depois de descobrir que brinquedo

estava no bolso do avental o participante falava sobre o brinquedo, se conhecia, qual era o nome, como e onde brincava e então demonstrava ao grupo maneiras de brincar com ele. Se não conhecesse sugeria um nome e tentaria criar uma brincadeira.

Essa foi uma das maneiras que desenvolvemos para aproximar o visitante do acervo protegido dentro da vitrine e conseqüentemente, mudar também o conceito de museu. Alves e Souza (2011, p.3) escrevem sobre a ação de brincar no museu:

Jogando com o acervo os visitantes são convidados e estimulados a conhecer e ressignificar os conteúdos ali dispostos através de uma nova experiência sensorial: “o toque”. O fato de poder manusear elementos do acervo, os quais, também podem ser elementos do jogo, já rompe a lógica de “distanciamento” ainda comum nos museus mais tradicionais, afinal, geralmente, os quadros, esculturas, obras de arte, vitrines da exposição e demais peças dos acervos não podem estar ao alcance tátil dos visitantes. Não desmerecendo essa prática que é realizada com o intuito de evitar danos irreparáveis às peças antigas de valor único e as relíquias.

Ao invés de falar, nós perguntávamos e escondíamos o objeto para instigar a imaginação e a memória de quem geralmente vinha somente para ver e ouvir, e saía com uma experiência mais rica, possibilitando o toque, o diálogo, a brincadeira, o aguçamento de todos os sentidos.

Porém o Museu da Infância não somente espera os visitantes chegarem até ele. Desde 2012 tem estabelecido o contato frequente com a comunidade por meio de projetos de extensão. Seu primeiro projeto de extensão surgiu por solicitação do CRAS. Segundo o site da Prefeitura Municipal de Criciúma (2012):

O CRAS é uma unidade pública estatal da política de assistência social, de base municipal, localizado em áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, destinado à prestação de serviços e programas sócio-assistenciais de proteção social básica as famílias e indivíduos, articulação destes serviços no seu território de abrangência e uma atuação intersetorial na perspectiva de potencializar a proteção social. Seus programas, projetos, serviços e benefícios destinam-se à população em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação e/ou fragilização de vínculos afetivos, relacionais e de pertencimento social (discriminações étnica, étnicas, de gênero ou por deficiência, dentre outras).

Após uma visita do CRAS ao Museu da Infância, a coordenação do CRAS de Criciúma/SC realizou o pedido para que o museu desenvolvesse atividades em

suas unidades. O projeto foi escrito e recebeu o título: O Museu da Infância e o CRAS: uma parceria visando estabelecer relações entre infância, identidade e memória. Ele foi provado no programa institucional de projetos de extensão da UNA HCE Edital nº 4/2012 tendo como objetivo geral:

Promover uma aproximação recíproca entre unidades do CRAS de Criciúma e o Museu da Infância, de forma a estabelecer relações entre as noções de sujeito, identidade e memória, a partir do conhecimento do acervo do Museu e da realização de oficinas sobre a infância (brinquedos e brincadeiras, contação de histórias), buscando a emancipação tanto individual como coletiva.

Desde então, é escolhida uma unidade do CRAS da região de Criciúma onde o projeto é desenvolvido por suas bolsistas e a coordenação do museu, que realizam oficinas de brincadeiras uma vez por semana durante um semestre. No ano de 2013 surgiu a ideia de ampliar essa ligação com a comunidade estabelecendo o contato com as escolas e para isso, em 2014 foi aprovado no programa institucional de projetos de extensão da UNA HCE Edital nº 07/2014 projeto de extensão chamado Museu na Escola. Seu objetivo é:

Organizar um Núcleo Expositivo Itinerante, que eventualmente será levado às escolas Municipais de Criciúma (infantil e fundamental I), visando apresentar o Museu às crianças, no intuito de sensibilizar, aproximar e incluir um público bem maior ao Museu da Infância.

Assim o museu vem exercendo suas atividades, atendendo quem o visita e visitando quem o recebe, fortalecendo o contato com a comunidade e a Universidade. Para quem está apenas observando essas ações, pode até equivocadamente pensar que os grupos visitantes e visitados estão apenas brincando, mas, como ressalta Fortuna (2006):

O museu é como o jogo: é tanto mais educativo quanto menos pretende sê-lo, no sentido da recusa a subordinar-se ao ensino de conteúdo específicos em benefício da espontaneidade, criação, desafio, mas também do rigor, da disciplina e do envolvimento que torna a atividade lúdica uma experiência humana tão séria.

O visitante pode ir ao museu por vários motivos: porque seu nome gerou curiosidade, sua temática é inusitada ou de seu interesse, por hábito em frequentar espaços culturais, para simplesmente conhecer ou por um momento de lazer; independente do motivo, ele está em um *espaço de educação não formal*<sup>19</sup>.

#### 2.1.1.1 A memória e o brincar: valores culturais da infância

A memória pode ser comparada a uma caixa onde são guardados tesouros, momentos de um passado vivido, sonhado ou desejado, Lins (2001, p. 9) ao conceituar memória escreve que:

A memória é feita de fragmentos [...] É o modo pelo qual o indivíduo mobiliza seu passado e atribui a este um sentido. A memória é o resultado do trabalho de reapropriação e de negociação que toda pessoa faz em relação ao passado fundador de sua identidade, ou de sua ilusão identitária. Mas a memória é também uma espécie de antecâmara da alteridade onde cada um constrói sua própria história [...].

Sendo assim, memórias são conjuntos de informações do passado que ficam armazenadas; existem memórias pessoais na mente de quem viveu a experiência ou a memória de uma cultura que é preservada e/ou representada de diversas maneiras, como: em um objeto pessoal, no acervo de um museu, na fala que percorre gerações, em rabiscos e livros, na foto e no vídeo que capturam o momento, na pintura, na escultura, na música, na arte que preserva e comunica, que instiga, impulsiona e resgata seus vestígios de memória.

De acordo com Maria Isabel Leite (2006, p. 75): “Os museus e demais espaços culturais são depositórios da memória de um povo, encarregados pela preservação das obras produzidas pela humanidade, com suas histórias, com os meios próprios de que se dispõem.”. Cada museu está tentando atender a esse encargo, de acordo com a sua temática e especificamente o Museu da Infância se preocupa em preservar memórias da infância, para quem viveu experiência similar, relembrar e quem desconhece conhecer. Às memórias das infâncias que permitem conhecer o passado, compreender o presente e refletir sobre o futuro.

---

<sup>19</sup> Educação não formal é “[...] qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que se realiza fora dos quadros do sistema formal (de ensino) para fornecer determinados tipos selecionados de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto de adultos como de crianças”. (COOMBS; MANZOR, p. 23. apud. CARVALHO, 2006, p.117.)



Entre todas as lembranças do tempo de criança, temos a escola, as reuniões em família, as festas e sem generalizar, entre todas a brincadeira está em primeiro lugar. Fortuna (2006) escreve sobre o ato de brincar e o seu papel na criação do sujeito:

Todo lugar é lugar de brincar, e toda hora é hora de brincar, em qualquer idade, se o ato de brincar é entendido como uma forma de afirmar e renovar a vida, pois a brincadeira é tanto condição para que a vida aconteça, quanto meio para que se expresse, seja compreendida e transformada.

A brincadeira é a combinação de diversão e conhecimento, é um aprendizado quase que inconsciente, isso por que quem participa da brincadeira se entrega a ela e deixa se envolver, incorpora o personagem sem se dar conta do conhecimento elaborado. Desgranges (2005, p. 66) relata que “Esse retorno à infância, no entanto, não se encerra em uma perspectiva psicológica: ele se estende ao plano da história; a necessidade de rever a infância reside na necessidade de refazer a memória histórica.”.

Sendo assim, pesquisar e criar estratégias que evidenciem as memórias relacionadas às infâncias e à sua preservação, são ações de extrema importância para que não se percam os valores construídos, não na intenção de viver do passado, mas de conhecer e refletir sobre ele, e então ser autor de uma outra história.

Piancentini e Fantin (2005, p.57) escrevem sobre um museu que possui como temática a infância e relatam seu valor:

Além do registro da memória cultural de uma época e da preservação de suas condições de vida através da guarda adequada de objetos de infância, a presença de um museu com tais características proporciona, às gerações atuais e futuras, a possibilidade de estudos de identificação do universo pessoal e social da existência humana.

A intenção é pesquisar o passado, rever as memórias, enfim salvaguardar construindo conexões com o presente, pesquisar e comunicar as culturas infantis. Para compreender melhor o que é a cultura infantil questiono primeiramente sobre o que é cultura? De acordo com Michaelis<sup>20</sup>, define-se cultura como:

---

<sup>20</sup>Michaelis é um dicionário online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=cultura>> Acessado em: 08 de agosto de 2014.

**13 Sociol** Sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade. **14 Antrop** Estado ou estágio do desenvolvimento cultural de um povo ou período, caracterizado pelo conjunto das obras, instalações e objetos criados pelo homem desse povo ou período; conteúdo social. [...] **C. geral:** a constituída de conhecimentos básicos indispensáveis para o entendimento de qualquer ramo do saber humano.

A cultura do outro, pode causar estranhamento e até mesmo a rejeição, mas o conhecimento aproxima, e só por meio dele é que se pode construir a crítica, enquanto sem ele, o que se tem é o preconceito a partir do que foi construído por correto. Laraia cita Schnerder que escreve a respeito das teorias modernas sobre cultura:

Cultura é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento. O status epistemológico das unidades ou “coisas” culturais não depende da sua observabilidade: mesmo fantasmas e pessoas mortas podem ser categorias culturais. (SCHNERDER, 1968, apud, LARAIA, 2009, p. 63.)

Ele conclui escrevendo que o discurso sobre o que é cultura nunca terminará. Sarmiento (2002, p. 4) também escreve sobre as culturas infantis e relata que “As culturas da infância são tão antigas quanto à infância [...] transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade.”.

O autor escreve sobre as formas culturais produzidas para as crianças, como filmes, jogos, sites, livros, festas e inclui nesta categoria a escola como um local onde são transmitidos valores e saberes do mundo adulto. Outra categoria destacada por ele são as formas culturais produzidas pelas crianças destacando os jogos que são passados de geração à geração, como a amarelinha, o pião, o carrinho de rolamento entre outros, mas mesmo sendo produções da criança, recebem influência do mundo adulto (SARMENTO, p. 5-9, 2002).

O Museu da Infância se dedica exclusivamente a pesquisar e então instigar reflexões a respeito desse universo, se constituindo como um espaço que preserva e divulga a cultura infantil, a cultura escolar, o que é feito pela criança e para a criança, as diversidades e os direitos e materiais sobre a infância.

### 3 DAS POLÍTICAS DE EXTENSÃO AO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Entendendo que o Museu da Infância constitui-se como uma instituição que promove extensão universitária, se faz necessário refletir sobre essa ação. Entre os significados dados à palavra extensão, encontro no dicionário Priberam<sup>21</sup> um termo que se adequa à realidade da extensão universitária quando a define como “Ato de um corpo que se estende.”, comparando a universidade um corpo que ocupa o seu lugar, mas em um gesto procura se expandir aumentando seu espaço. A Extensão universitária da UNESCO<sup>22</sup> é definida como algo que

[...] possibilita a promoção e a integração de conhecimentos entre a Universidade e a sociedade. Fundamentada na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, envolve a comunidade acadêmica e contribui para a consolidação da missão institucional no enfrentamento dos problemas regionais e na formação de cidadãos críticos, responsáveis, autônomos e familiarizados com a realidade onde acadêmicos e a Universidade estão inseridos.

Por meio da extensão, a universidade e o acadêmico se aproximam da comunidade. Mediante diálogo e observação pretende-se saber quais os problemas vividos por ela. Assim juntos, universidade, acadêmicos e comunidade, procuram possíveis soluções para tais problemas.

A extensão na UNESCO é assumida como dimensão que proporciona aos docentes e discentes o contato com a realidade social favorecendo a retro-alimentação do ensino e da pesquisa. Poderá ser entendida enquanto serviços que a Universidade presta à sociedade, gerando alternativas de ação que atendam às expectativas e problemáticas da população e, ainda, ser um espaço fértil para o exercício e a conquista da emancipação crítica, tanto da comunidade acadêmica quanto da sociedade. (RESOLUÇÃO n. 06/2008/CONSU p.07)

Muitas vezes pode existir um equívoco na compreensão do que é a extensão universitária, se tornando apenas uma ação dos acadêmicos, que ao ser finalizada, não encaminha mudanças na comunidade reaparecendo os problemas aparentemente solucionados. Como ressalta Volpato (2012), às vezes a extensão pode ser reduzida a uma simples modalidade de prestação de serviços e, em outras,

<sup>21</sup>Priberam é um dicionário online. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/extens%C3%A3o>>. Acessado em: 01 de setembro de 2014.

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/262/5418> Acesso em: 04 nov. 2014.

é capaz de provocar discussões e levantar questionamentos acerca dos reais problemas da sociedade.

Mas qual a importância da extensão universitária na formação acadêmica? Seu valor está na construção do olhar diferenciado, é a união da teoria e prática proporcionando a vivência significativa, o aprendizado e geração de conhecimento. A respeito dessa ação, Goulart (2004, p.72) escreve que “O certo, porém, é que elas, nessa perspectiva do aprender a aprender, estarão formando cidadãos, conscientes, sujeitos que se inserem no mundo da cultura, sabendo fazer a leitura inteligente de todos os seus fenômenos.”.

Para alcançar o objetivo da formação acadêmica, o estudante pode ter contato com a comunidade, fora do campus da universidade, desde a primeira fase, durante as disciplinas curriculares ou em projetos de extensão, atuando como bolsista. No Curso de Artes Visuais – Licenciatura, a extensão também está vinculada a um estágio específico para ela. No curso existem quatro estágios, os três primeiros realizados individualmente e em ambientes escolares que se constituem como espaços formais de educação. A disciplina de Estágio I acontece durante a quinta fase do curso, ela é concretizado em duas turmas: uma da Educação Infantil e outra no Ensino Fundamental I. O Estágio II acontece na sexta fase e sua realização é no Ensino Fundamental II e a disciplina de Estágio III é consolidada no Ensino Médio.

Já a disciplina de Estágio IV é diferente das anteriores, pois acontece em pequenos grupos de três a cinco pessoas e não ocorre em um espaço formal de educação. Sua proposta é de discutir sobre a extensão universitária e encaminhar os acadêmicos a locais não formais de educação e posteriormente observar as necessidades daquela comunidade e/ou instituição, propondo uma prática conjunta que venha gerar mudanças e possíveis soluções para os problemas observados.

O grupo em que participei contava com três acadêmicas e foi escolhido para a realização do Estágio IV, o Museu da Infância. A partir do contato com a coordenação soubemos de uma necessidade: a montagem da exposição para a 8ª edição do evento nacional Primavera dos Museus, que teve como tema norteador para 2014: Museus Criativos. Nesta perspectiva o museu estabeleceu o contato com

outro projeto de extensão na UNESCO chamado Filosofia vai à terceira Idade<sup>23</sup> e convidou crianças com objetivo de criar diálogos entre as crianças e os idosos estabelecendo a troca de experiências durante uma visita ao museu e ofereceu uma oficina de produção de brinquedos, onde os idosos conversavam com as crianças sobre seus brinquedos e brincadeiras antigas, inclusive ensinando-os a brincar.

O nome dado à exposição elaborada foi Movimentos Criativos e no primeiro momento pesquisamos no acervo do Museu da Infância objetos produzidos de forma diferenciada utilizando materiais recicláveis e outros como madeira e cerâmica. Após isso planejamos a maneira de expô-los de forma criativa, para isso utilizando papel, tinta e caixas de papelão, produzimos cenários como a paisagem em que o trem percorre, a ilustração da casa da árvore onde as bonecas estão e a colagem em vitrines deixando somente alguns vazados em forma de círculo por onde o visitante poderia observar e/ ou imaginar o que estava dentro da vitrine.

Conseguimos despertar o interesse dos visitantes, pois como o museu é aberto e se localiza dentro de uma universidade muitos dos visitantes são acadêmicos que percorrem o espaço muitas vezes distraídos. Podemos ouvir de alguns acadêmicos diálogos como: olha aquela pipa, você já brincou de pipa? Eu brincava de pião, bolinha de gude e assim saiam conversando sobre suas infâncias. Outros quando percebiam que era uma nova exposição chegavam a se virar ou voltar para observar. Presenciar essas ações nos traz a sensação de dever cumprido, de querer fazer mais.

O estágio é um momento reflexivo e decisivo na vida profissional do futuro professor, pois é nele que se tem o verdadeiro contato com a realidade, empregando o que foi aprendido na teoria, construindo conhecimento e experiência, assim como acontece na extensão. Goulart enfatiza que “É preciso considerar que a **extensão é um mecanismo da aprendizagem**, por isso mesmo ligada, indissociavelmente, ao ensino e à pesquisa.” (2004, p.71, grifo meu). Esses três eixos precisam receber os mesmos cuidados, o superior da formação deve ser visto pela transformação que ela proporciona ao acadêmico e em seu entorno.

---

<sup>23</sup> Projeto ‘Filosofia vai a terceira idade: cultivando e cuidando de si’, coordenado por Alex Sander da Silva, Jeferson Luis de Azeredo, Angela Di Palma Back, o projeto é participante da área de extensão universitária da Unesc chamado Território Paulo Freire. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/455/7735/>. Acessado em: 23 de set. de 2014.

## 4 OS PASSOS DA PESQUISA

Esta pesquisa é um requisito do curso de licenciatura em Artes Visuais e trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso que busca englobar os estudos realizados durante a graduação e a prática de uma pesquisa acadêmica. O gosto pelo pesquisar nasce do olhar curioso que deseja saber mais e é essa vontade que motiva a busca, pois o pesquisador a partir de suas questões pode imaginar o que será encontrado, mas geralmente é surpreendido, o que para Santaella (2001, p.104) “O mais relevante está naquilo que não se conhece e está lutando por descobrir”.

Vivenciar este momento de descobrimento e torná-lo em uma pesquisa científica é um desafio que exige muito mais do pesquisador, então é aconselhável que a mesma tenha um significado pessoal e não seja apenas uma obrigação; que o pesquisador esteja motivado e com os olhos abertos para enxergar os pequenos detalhes, como cita Santaella (2001, p.189):

É preciso ter amor pelas minúcias e capacidade de olhar de frente para as dúvidas, sem subterfúgios, sem esquivas. Saber lidar com elas, atendê-las com atenção e energia, conscientes de que isso significa interromper o fluxo de nossas certezas e a partir para as fontes que nos vêm do discurso do outro.

Partindo do desejo de investigar mais sobre o Museu da Infância e suas ações educativas, o que eu conheci sobre as oficinas de brincadeiras realizadas no projeto de extensão *O museu e o CRAS* despertou admiração tornando-se a pesquisa e recebendo como título *Vestígios de Memórias: O Museu da Infância e as oficinas do projeto de extensão no CRAS*. O intuito é conhecer o museu e projeto de extensão de forma mais intensa.

A escolha foi pela linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, que consiste em princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. O tema da pesquisa é educação em museu, por isso conceituo museu como um espaço não formal de educação e cultura, compreendendo-o um local de atuação para os profissionais de Artes Visuais - Licenciatura.

Para construir o histórico do Museu da Infância, a fim de conhecer mais sobre sua história e seus projetos pesquisei em artigos, dissertações, blogs e no próprio site do museu, relatos sobre seu início, sobre o museu virtual da infância e

exposições. A pesquisa caracteriza-se como de natureza básica e aborda o problema de forma qualitativa, não se atendo a números e sim à busca, instigada pelas questões norteadoras, ciente de que elas apenas apontam o caminho. Para Minayo (2004, p.21)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operação de variáveis.

Quanto aos objetivos a pesquisa é exploratória, pois “Funciona como se você tivesse fazendo uma “varredura” em tudo que foi escrito ou relatado, de mais importante, sobre o assunto, para poder entendê-lo” . (VIANNA, 2001, p.130). É uma pesquisa documental e para Vianna (2001, p, 136) esse tipo de pesquisa parte da “análise de documentos oriundos de diversas fontes e selecionados em função do problema a estudar, das questões a responder e dos objetivos a alcançar como uma investigação.” Nesta pesquisa os documentos analisados são os registros feitos por bolsistas do projeto do Museu da Infância no CRAS, sendo que o projeto acontece desde 2012 nas unidades dos CRAS do município de Criciúma/SC. Como cita Santaella (2001, p. 145) “A pesquisa documental examina documentos a fim de poder comparar usos e costumes, tendências, diferenças etc.”.

A escolha foi de analisar os registros do CRAS Tereza Cristina em Criciúma/SC, por conter a autorização de uso de material e imagem de todos os participantes do projeto, algo que é de extrema importância. Com a autorização da coordenação do museu salvei os arquivos e fiz a leitura dos relatórios e planejamentos semanais e do relatório final assim como a observação das imagens, algo que serviu como um complemento para melhor compreender o que estava escrito. Esta ação, ou seja, a disponibilização dos registros, atende uma função do projeto O museu e o CRAS que é socializar o material para pesquisa.

Foram feitas 12 visitas ao CRAS Tereza Cristina em Criciúma/SC, sendo uma para observação e análise da realidade, nove visitas para realização de oficinas e duas visitas ao Museu da Infância na UNESCO. Dentre os nove relatórios, foram

citados e analisados diretamente cinco deles e as demais atividades foram resumidas para que não se tornasse muito extenso.

A partir da pesquisa faço a proposta de curso<sup>24</sup> para professores de Artes Visuais, equipe do Museu da Infância e demais interessados nas temáticas referentes a museu, memórias e brincadeiras. Nele me proponho a apresentar a pesquisa de conclusão de curso chamada *Vestígios de memórias: o Museu da Infância e as oficinas do projeto de extensão no CRAS* e proporcionar uma oficina de memórias sobre as infâncias, aos participantes do curso.

---

<sup>24</sup> Proposta de curso está disponível no apêndice A



## 5 UMA VIAGEM PELOS REGISTROS DO PROJETO

Os arquivos analisados são do projeto de extensão chamado Museu da Infância e o CRAS, que aconteceu no primeiro semestre de 2013 com a coordenação da professora Ma Edite Volpato Fernandes e a colaboração da professora Ma Odete Calderan, tendo como bolsistas<sup>25</sup> as acadêmicas Caroline Alves Pereira do curso de História, Danieli dos Santos do curso de Educação Física e Priscila da Silva Heinert do curso de Artes Visuais.

As acadêmicas bolsistas do projeto possuem a carga horária de vinte horas semanais para estudo sobre o projeto de extensão, leituras de texto, escrita de relatos e organização de registros, elaboração de material para as oficinas e desenvolvimento das mesmas assim como a presença no grupo de estudos do Museu da Infância e a co-produção do material de registro (acervo de imagens). As oficinas tem o tempo estimado de três horas semanais e neste período elas atendem dois grupos de faixa etária diferente, dividindo o tempo entre eles. No CRAS Tereza Cristina em Criciúma/SC o projeto teve em média 30 atendidos/beneficiados diretamente.

Passei a ler os planejamentos e relatórios e a observar os registros fotográficos, iniciando minha busca pelos vestígios de memória e destacando as falas das crianças, algumas escritas de forma direta e outras indiretamente, mas que continham o posicionamento do participante. Descrevi atividades que envolvem a memória e o brincar colocando-as em itálico e entre parênteses mantendo a escrita original. Algumas ações foram resumidas e relatadas, depois disso selecionei as imagens que ilustravam esses momentos. A seguir apresentarei trechos e algumas imagens com comentários sobre as mesmas: são os vestígios de memórias.

No dia três de abril houve a primeira oficina de brincadeira e entre seus objetivos existia o interesse de apresentar o Museu da Infância aos participantes, porém, antes, foi perguntado a eles: *“o que era um museu? as crianças responderam que devia ser um lugar grande com estátuas e esqueletos. E o museu da infância? ah! lá deve ter brinquedos, desenhos e carrinhos.”* (Relatório: 03 abr. 2013).

---

<sup>25</sup> O projeto contempla apenas dois acadêmicos bolsistas, porém durante esse período houve a troca por isso consta a participação de três acadêmicas.

Com base nessas respostas, é possível concluir que para os participantes o conceito de museu estava relacionado a uma estrutura física de grande tamanho, como é comum para quem não tem o hábito de frequentar espaços culturais como museu. Porém quando foi questionado sobre o museu da infância as respostas mudaram, sendo acrescentado que em um museu poderia ter brinquedos e desenhos.

Neste dia foi levado dentro da mala do museu o jogo do boliche<sup>26</sup> [Figura 17] feito de garrafa pet, com a finalidade de que o participante usando uma bola de tecido deveria derrubar a garrafa e retirar de dentro dela um papel com o desenho de um brinquedo do acervo do museu e realizar a mímica sobre ele. “[...] a brincadeira começou, nesse momento notamos que algumas crianças não conheciam alguns dos brinquedos como as cinco marias, a panela-de-pressão, o pé-de-lata, explicamos como se brincava e ajudamos a construir as mímicas.” (Relatório: 03 abr. 2013).

Foi proposto aos participantes uma troca onde eles desenhariam as brincadeiras [Figura 18] que gostavam e as acadêmicas bolsistas juntamente com as professoras adivinhariam. “Ficaram muito envolvidos com o desenho estimulamos o lado de criação de desenhos, de seus jogos ou brincadeiras favoritas despertando nas crianças memórias da sua infância, usando seus desenhos para colocar no lugar das imagens do Museu, tiveram participação efetiva reiniciando assim o jogo feito com seus retratos.” (Relatório: 03 abr. 2013).

Figura 17 - Brincando de Boliche no CRAS



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Figura 18 - Desenhando brincadeira para o boliche



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

<sup>26</sup> Outra imagem do boliche está disponível no anexo A, assim como demais imagens das oficinas estão disponíveis nos anexos.

Ao lançar a bola em direção às garrafas, que naquele momento formavam o boliche, a criança ganhava a possibilidade de, por meio da imagem presente dentro dela, relembrar ou conhecer um brinquedo e/ou brincadeira. Tinha a missão de abrir a caixinha da memória e lembrar como se brincava para então criar um gesto e comunicar aos seus colegas, que também eram instigados a recordar de possibilidades de brincadeiras representadas com aquela mímica. Lins (2001, p. 9.) relata sobre o ato de revelar memórias:

Ora, quando a memória abre suas portas e janelas, quando se deixa contaminar por outras memórias, outras recordações, outros lugares de memória – espaços grávidos de memórias, memória-esquecimento – ela faz ressurgir como por magia os odores e os sons, uma anedota, uma piada, um objeto, uma fotografia, a voz dos personagens familiares, a lembrança de seu corpo, de seus gestos, uma paisagem de um sítio da infância [...].

A sequência da atividade também evidencia a memória pois ao ser convidado a ilustrar o que eles mais gostam de brincar são levados a recordar sobre suas brincadeiras lembrando esses momentos e durante a produção também ocorre a troca de conhecimento entre os colegas, apreciando o que o outro brinca.

Na oficina do dia dez de abril, as professoras e acadêmicas bolsistas chegaram com antecedência no CRAS e os participantes estavam lanchando, enquanto elas aguardavam o fim do lanche para a realização da oficina com as crianças, conversavam: *“[...] esse horário é muito importante para aproximações, nos permite conhecer um pouco mais sobre suas vidas, as crianças se sentem mais livre para conversar, isso nos ajuda muito a conhecer cada personalidade.*

*Após começarmos a conversar com as crianças, iniciaram uma contação de “Lendas urbanas”, Uma das crianças, a Tainara começou a narrar a “Lenda da MARIA SANGRENTA” ela nos contou que “se a pessoa for ao banheiro à meia-noite trancar a porta e jogar a chave por baixo da porta, e escrever “MARIA SANGRENTA” com um batom vermelho no espelho e repetir o mesmo três vezes, seu cabelo começa a ficar vermelho e assim a “MARIA SANGRENTA” aparece e a pessoa que a invocou morre”, então Edite perguntou a Tainara, como ela sabia o que acontece já que a pessoa morre, então ela disse: - ah são as vizinhas né, elas contam essas histórias. E o que são essas histórias? – ah você sabe né... São “Lendas Urbanas”.*

*Em seguida, Jackson contou a “Lenda da ROSA DO CEMITÉRIO”, ele*

*conta que era uma menina que adorava estudar no cemitério e certo dia ela roubou uma flor de um túmulo, então o espírito da mulher que era “dona” da flor do túmulo que ela roubou, começou a atormentar a menina até ela devolver a flor para o túmulo. Foi muito interessante ver as crianças relatando essas lendas, pois estimula muito a imaginação.” (Relatório: 10 abr. 2013).*

Vivências como essa retratam a valorização da memória e da cultura, são histórias antigas criadas pela cultura popular que foram contadas às essas crianças que comunicaram às outras fortalecendo esse vínculo de geração em geração. É importante ressaltar que esse momento não estava previsto nos planejamentos e aconteceu com a iniciativa das crianças. Isto aconteceu por conta do resultado da boa mediação realizada pela equipe do museu, que despertou o interesse dos participantes motivando-os a compartilhar suas histórias. “Troca de informações, ampliação de repertório, exercício perceptivo, formação do olhar. Estes são alguns dos elementos presentes na mediação” (MARTINS, 2005, p. 4).

Seguindo o planejamento foi perguntado aos participantes se conheciam a peteca e se já haviam feito uma então responderam que não. Mostraram para eles uma peteca pertencente ao acervo do museu e foi contada uma breve história de como ela havia surgido, iniciando a produção das suas petecas.

*“Após fazer as petecas todo o grupo foi lá fora brincar, no começo fizemos uma roda para que pudessem conhecer como se brinca de peteca, já que algumas crianças nem faziam ideia de como se brincava, em seguida dividimos em dupla para que pudessem ter mais contato com o brinquedo, depois brincamos de “PETECA QUENTE”, uma brincadeira sugerida por Tainara onde todo o grupo se reuniu fez uma roda e uma das crianças ia fora e ficava falando: PETECA QUENTE e assim íamos passando a peteca quando ela gritava QUEIMOU, a pessoa que paro com a peteca na mão iria para fora da roda, repetindo a frase e assim sucessivamente.*

*Para terminar a oficina brincamos de queimada, dividimos o grupo em dois, um de cada lado da quadra, onde o objetivo era queimar com a peteca a criança da outra equipe, o grupo que terminava com mais integrantes era a vencedora.” (Relatório: 10 abr. 2013).*

Percebe-se novamente a junção entre o que foi proposto pelas acadêmicas bolsistas durante o planejamento e o repertório de alguns participantes que não conheciam a peteca e inicialmente participaram da brincadeira em sua

forma original, contudo lembraram-se de outras possibilidades de brincadeiras que também são antigas e foram ensinadas a elas como Batata Quente e Queimada e, então, adaptaram a partir das memórias usando a peteca como objeto (batata ou bola). A mediação é uma troca de experiência, nesse caso entre o conhecimento a partir do acervo do museu, que é levado pelas acadêmicas bolsistas e o repertório dos participantes. Martins (2005, p. 53) escreve que “esse caminhar é uma ação que não tem volta, iremos querer cada vez mais já que aprendemos a aprender. Nos tornamos aprendizes. Todos nós: professores/alunos=mediadores”.

Planejar é algo essencial assim como estar flexível para receber ideias, aceitá-las faz com que se estabeleça a liberdade de troca, que o participante se sinta à vontade para que a produção do conhecimento aconteça de forma espontânea. Alves e Souza (2011, p.3) escrevem que “[...] o jogo é um dos meios mais significativos para aquisição e reconstrução das diferentes situações de aprendizagem.” Aprenderam uma brincadeira que não conheciam, e então se lembraram de uma brincadeira que foi vivenciada em outro momento, são memórias que vão sendo construídas ou elaboradas e guardadas enquanto outras vão sendo reveladas.

No início da oficina do dia 17 de abril foi perguntado se os participantes recordavam de alguma brincadeira conhecida, presente nas imagens do jogo do boliche. Lembraram: “[...] *devido à fala: “é uma brincadeira que vocês nunca brincaram”, já decifraram que era as **cinco marias**. Um jogo que desconheciam e não sabiam a história, pensavam que se tratava de religião, santas etc.*” (Relatório: 17 abr. 2013). Após a confeccionarem as Cinco Marias [Figura 19] foi ensinado aos participantes seis formas de jogar [Figura 20] e no início tiveram dificuldade, pois a brincadeira exige coordenação e concentração. “*No decorrer das brincadeiras elas queriam inventar brincadeiras e mostrar para nós quando conseguiram fazer a brincadeira até o final.*” (Relatório: 17 abr. 2013).

Figura 19 - Produção das Cinco Marias



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Figura 20 - Brincando de Cinco Marias



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Percebe-se como foi marcante o jogo do boliche, pois semanas depois eles recordaram da brincadeira que não conheciam. Souberam de sua origem evidenciando a memória de como era realizada essa brincadeira e como em outras oficinas, produziram seu próprio brinquedo com materiais disponíveis, podendo levar para sua residência e compartilhar com familiares e amigos.

No dia oito de maio, durante a visita à UNESCO, os participantes do CRAS conheceram o Museu da Infância e a Vó Maria [Figura 21], uma senhora que por não ter acesso à brinquedos prontos quando criança, depois de adulta se dedicou a reformar bonecas. Nesta ocasião ela conversou com eles e mostrou uma peteca feita por ela, além de doar várias petecas para que brincassem [Figura 22]. O contato com o museu e a Vó Maria revelam uma relação de pertencimento com os equipamentos culturais. Essas ações contribuem para a cidadania, autonomia e valorização, um exercício de autoria e de direito de todos!

Figura 21 - Conversando com Vó Maria



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Figura 22 - Brincando de Peteca



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Para a Oficina do dia vinte e nove de maio foi confeccionado pelas acadêmicas bolsistas um livro contando a história da Vó Maria e as suas bonecas [Figura 23] [Figura 24]. *“Ao começarmos a história via-se nitidamente em seus olhos o encantamento pelas imagens e pelo texto que contava um pouco sobre a vida da Vó, ao término da história propomos que produzissem um livro sobre o que mais gostavam. Logo começaram a confecção, ressaltamos que poderiam mostrar através de desenhos ou escritas sobre o que gostam. Lembramos que a Vó Maria era apaixonada por bonecas e perguntamos se haviam algo que de mais gostavam, percebemos que rapidamente começaram a pintar a desenhar, e felizes vinham nos mostrar tudo que já tinham feito, uma das meninas se inspirou e começou o seu livro com o título " As Bonecas Da Talita", muito criativa sua ideia e pelo que se percebe sua história se parece com a da Vó Maria [...].”(Relatório: 29 mai. 2013).*



Figura 23 - Contação de história



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Figura 24 - Produção do livro



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Desgranges (2005, p. 66) escreve que “Remexer o passado é como abrir e vasculhar uma caixa com velhos brinquedos, retirando emoções, ideias, histórias.” Para os participantes realizarem a atividade proposta foi necessário, talvez inconscientemente, refletir em um passado próximo, no seu cotidiano. Precisaram pensar nos momentos em que brincavam, se a brincadeira era com colegas ou sozinho se ela envolvia um brinquedo e em que lugar ela acontecia e o ato de registrar em forma de livro instiga e valoriza essas memórias. Dentre as nove oficinas foi também levado a eles outros brinquedos integrantes do acervo do museu e puderam produzir os próprios brinquedos. Eles construíram pião com tampinha de garrafa e palito de churrasco, bilboquê com garrafa pet, peça de cerâmica e telefone sem fio com copo descartável e barbante entre outros<sup>27</sup>.

O último encontro aconteceu no dia vinte e oito de junho onde fizeram a visita ao Museu da Infância e em especial ao núcleo Infância e Paz onde estavam expostos alguns materiais confeccionados por eles durante as oficinas [Figura 25] [Figura 26].

<sup>27</sup> Imagens disponíveis nos anexos



Figura 25 - Vitrine com produções dos participantes do CRAS



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Figura 26 - Vitrine com peças em cerâmica



Fonte: Arquivo Museu da Infância, Ano 2013.

Ao observarem as vitrines iam reconhecendo suas produções e a produção de seus colegas, sentindo-se valorizados, pois durante o período da exposição os visitantes do museu conheceriam um pouco de suas vidas a partir de seus desenhos que ilustram suas brincadeiras, livros que narram suas histórias, brinquedos que conheceram e produziram, peças de cerâmica que representam seus direitos, as preferências e o conhecimento construído.

Tudo o que foi produzido por eles durante as oficinas pôde ser levado para a casa e possivelmente o conhecimento construído foi comunicado a seus colegas e familiares ampliando o público atingido. As histórias são lembradas, as memórias evidenciadas e valorizadas, a oficina acaba, mas a brincadeira continua.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa incursão de pesquisadora, lembro que durante o curso de graduação em Artes Visuais atuei como bolsista no Museu da Infância, e foi um diferencial em minha formação acadêmica algo importante para meu crescimento profissional que me possibilitou a construção de conhecimento sobre a área de museus e sobre as ações educativas. Conheci também seus projetos de extensão o que me gerou admiração e posteriormente curiosidade, tornando-se problemática de pesquisa. Para o trabalho de conclusão de curso tive como ponto de partida a escolha do tema educação em museu que faz parte da educação não formal, um possível campo de atuação profissional para o professor de Artes Visuais.

Procurei saber como as oficinas de brincadeiras do Museu da Infância no CRAS revelam a memória de seus participantes, primeiramente estudei sobre museus, sua função social, suas temáticas e em seguida construí um histórico do Museu da Infância relatando sua origem, ações educativas, criação e missão. Apresentei também seus projetos de extensão, concepções de memórias, a importância do brincar e uma abordagem da cultura infantil.

Ao iniciar a leitura dos relatórios pertencentes ao projeto Museu da Infância e o CRAS realizado no CRAS Tereza Cristina em Criciúma/SC, durante o segundo semestre de 2013, pude perceber que as oficinas revelam e valorizam a memória e o brincar em suas atividades e que existe construção e troca de conhecimentos, pois, além de proporcionar o contato com brinquedos e brincadeiras pertencentes ao acervo do Museu da Infância, é incentivada a reflexão e registro das brincadeiras antigas e atuais, de suas preferências e de seu cotidiano.

A partir dos registros sobre as crianças e adolescentes participantes do projeto, é possível saber da importância desses momentos para eles, que respondem com alegria, interesse, aceitação e curiosidade em saber sobre a atividade do dia, havendo disposição em realizá-las.

Através da análise dos relatórios e registros fotográficos que mostram crianças e adolescentes conhecendo, aprendendo, brincando e produzindo artesanalmente brinquedos antigos e não populares, compreendo que podem ser equivocadas as críticas acerca da(s) infância(s) atuais, quando adultos a comparam com outros períodos que parecem mais ricos.

Durante a pesquisa refleti sobre a experiência de aprender de forma espontânea e recíproca, como visto na análise da pesquisa e desejo que esta venha a ser um incentivo às ações e projetos semelhantes tanto em escolas, quanto em espaços de educação não formal de educação. Percebi a importância desses momentos para as crianças, como escreve Reddig (2010, p. 6.) “Esse mundo mágico, que é o mundo da brincadeira e do faz-de-conta, contribui para que a infância se constitua, conheça a si mesma, aos outros e as relações que perpassam esse universo social.”

Durante o projeto de extensão, as crianças e adolescentes que participaram tiveram contato com brinquedos e brincadeiras antigas e registraram suas histórias revelando a memória pessoal e do passado. “A memória é, pois, uma presença que nos habita através das lembranças e recordações [...]” (LINS. 2001, p, 9.). Esses brinquedos, fontes de memórias, que eram produzidos pelas crianças e levados para seus lares, ampliaram o público alvo, fazendo com que as oficinas atendessem além de seus participantes, às pessoas próximas a eles, familiares e amigos que tiveram contato com as produções, recordando também de suas infâncias.

Então retomo ao objetivo dessa pesquisa que se propõe a investigar por meio dos planejamentos e relatórios semanais, como as oficinas de brincadeiras do Museu da Infância no CRAS revelam a memória de seus participantes. Reflito que desde o momento em que as acadêmicas bolsistas chegam no CRAS com os brinquedos guardados na mala do Museu da Infância, o exercício realizado pelos participantes do projeto em tentar descobrir que brinquedos elas trouxeram e as possíveis produções e brincadeiras que serão realizadas naquela oficina. São todas diferentes formas de abordagem de memórias das brincadeiras que conhecem e as que ouviram falar. Durante as oficinas elas não se limitam somente ao que é proposto, criam suas próprias brincadeiras, articulam o novo com o antigo numa ação de entrega total ao mundo mágico da brincadeira.

Considerando a importância desses resultados para o licenciado em especial aos do curso de Artes Visuais, para a equipe do Museu da Infância e outros interessados na temática museu, memória e infância apresento o projeto de curso<sup>28</sup> expondo esta pesquisa, propondo uma oficina de memória onde, por meio de

---

<sup>28</sup> Disponível no apêndice A

objetos pessoais, sejam evidenciados e compartilhados os vestígios de memórias dos participantes. O objetivo é de sensibilizá-los sobre a importância de vivenciar esses momentos evidenciando a possibilidade de realizarem essas ações em seus espaços de atuação: escolas e espaços não formais de educação.

Concluo esta pesquisa com uma reivindicação: Que seja garantido o direito de viver ao máximo a infância e estejam eternamente vivas em todo adulto que já foi criança, suas memórias e lembranças, que o tempo passe, mas a brincadeira continue; que sejam doces as memórias da infância e tragam o sorriso a cada flash de lembrança!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ivan; SOUZA, Lynn. **Jogando nos Museus Virtuais - Considerações preliminares:** os jogos online como experiência educativa nos museus virtuais brasileiros. 2011. 9 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, São Lourenço, 2011.

BAHIA, Ana Beatriz. **Constelações culturais no Museu Virtual da Infância.** Disponível em: <<http://www.quelicera.casthalia.com.br/portfolio/mi/minholEC.pdf>> Acesso em: 20 set. 2014.

BRASIL. Constituição (2009). Lei nº 11-904, de 14 de janeiro de 2009. **Estatuto de Museus.** Brasília, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em: 30 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. O que é museu.** Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. **Primavera dos Museus.** Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/primavera-dos-museus/>>. Acesso em: 12 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **9ª Semana Nacional de Museus.** Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/9-semana-nacional-de-museus/>>. Acesso em: 12 set. 2014.

CARVALHO; Cristina. Espaços de cultura e formação de professores/monitores. In: LEITE, Maria Isabel; OSTTETO, Luciana E.. **Museu, Educação e Cultura: Encontros de crianças e professores com a arte..** 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2006. Cap. 6. p. 117-142.

**CRAS** - Centro de Referência de Assistência Social de Criciúma. Prefeitura Municipal de Criciúma, 2012. Disponível em: <<http://www.criciuma.sc.gov.br/conteudo.php?codigo=72&secretaria=19>> Acesso em: 30 set. 2014.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus, cultura e comunicação. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DESGRANGES, Flavio. O teatro do sem jeito manda lembranças: um pequeno estudo sobre o espectador do teatro épico. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. (org.) **Infância e Produção Cultural.** 6. ed. Campinas: Papyrus, 2005. p. 43-74.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Museu é lugar de brincar?** Revista Museu – Cultura levada a sério, julho de 2006. Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=9249](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=9249)>. Acesso em: 16 set. 2014.

GALLERY, Saatchi. **Museu da Infância.** Disponível em: <<http://www.saatchigallery.com/museums/museum-profile/Museu+Da+Infancia/4301.html>>. Acesso em: 25 set. 2014.

GOULART, Audemaro Taranto. **A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica.** 2004. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/580/611>> Acesso em 02 set. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEITE, Maria Isabel. **Crianças, velhos e Museu:** memória e descoberta. In: PARK, Margareth; SIERO, Renata (orgs.). Cadernos Cedes. Campinas: UNICAMP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, (...) não tinha parede... Mas era um museu!?** 2011. Disponível em: <<http://repensandomuseus.blogspot.com.br/2011/02/era-uma-casa-muito-engracada-nao-tinha.html>>. Acesso em: 08 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Infância:** fios e desafios da pesquisa. Campinas. Papius, 2005.

LINS, Daniel. Memória Esquecimento e Perdão ( Perdon). In: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (Org.). **Memória, Identidade e Representação.** Rio de Janeiro: 7letras, 2001. p. 9-16.

LUCENA, H. LISLEY. **Exposição sobre Infância e Paz.** 2009. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/senado/portaldoservidor/jornal/Jornal108/Espaco\\_cultural/cultura\\_exposicao\\_infancia\\_paz.aspx](http://www.senado.gov.br/senado/portaldoservidor/jornal/Jornal108/Espaco_cultural/cultura_exposicao_infancia_paz.aspx)> Acesso em: 02 set. 2014.

MARTINS, Mirian Celeste. (org). **Mediação:** estudos iniciais de um conceito. São Paulo. 2005.

MESQUITA, Armindo. Memórias de um cavaleiro de pau. In: AZEVEDO, Fernando (org.). **Infância, memória e imaginário:** Ensaio sobre a literatura infantil e juvenil. Braga: CIFPEC, 2010. p. 31-38.

MICHAELIS. **Museu.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=museu>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

MUSEU DA INFANCIA. **Museu da Infância**. 2011. Disponível em: <<http://www.museudainfancia.unesc.net/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Infância na Ibero-américa**. 2008. Disponível em: <[http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo\\_ibero/expo\\_iberoamerica.htm](http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_ibero/expo_iberoamerica.htm)>. Acesso em: 25 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Infância e Culturas Escolares**. 2006. Disponível em: <[http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo\\_escolares/expo\\_culturas\\_escolares.htm](http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_escolares/expo_culturas_escolares.htm)>. Acesso em: 25 set. 2014.

PIACENTINI, Telma Anita; FANTIN, Monica. Museu do Brinquedo como centro cultural da infância. In: LEITE, Maria Isabel; OSTTETO, Luciana E.. **Museu, Educação e Cultura: Encontros de crianças e professores com a arte**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2005. Cap. 2. p. 55-72.

REDDIG, Amalhe Baesso. **Museus Catarinenses e a Infância: Memórias e Coleções**. Seminário de Pesquisa da Linha “educação, Linguagem e Memória”, Criciúma, 2010.

REDDIG, Amalhe Baesso. **A infância representada nos espaços museais de Santa Catarina: reflexões sobre educação, identidade cultural, museus, arte e infância**. Dissertação de Mestrado. UNESC: PPGE, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo : Hacker Editores, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. 2002. Disponível em: <[http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)> Acesso em: 30 set. 2014.

SECRETARIA-GERAL IBERO-AMERICANA. Disponível em: <[http://segib.org/documentos/por/portugues\\_web\\_hojas.pdf](http://segib.org/documentos/por/portugues_web_hojas.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2014.

UNESC. **A Extensão**. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/262/5418>>. Acesso em: 01 set. 2014.

VIANNA, Ilica Oliveira de Almeida. O Projeto de Pesquisa. In: VIANNA, Ilica Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico: Um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: E.p.u, 2001. Cap. 2. p. 55-210.

VOLPATO, Gildo. **A extensão universitária e as possibilidades de articulação com o ensino e a pesquisa (1-3)**. 2012. Disponível em: <<http://www.tribunonet.com/artigo/a-extensao-universitaria-e-as-possibilidades-de-articulacao-com-o-ensino-e-a-pesquisa-1-80382>>. Acesso em: 03 set. 2013.

## **APÊNDICE(S)**



APÊNDICE A – Proposta de curso

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**ALINE FERREIRA MEDEIROS**

**DAS MEMÓRIAS DO MUSEU DA INFÂNCIA ÀS MEMÓRIAS PESSOAIS**

**CRICIÚMA**

**2014**

**ALINE FERREIRA MEDEIROS**

**DAS MEMÓRIAS DO MUSEU DA INFÂNCIA ÀS MEMÓRIAS PESSOAIS**

Projeto de curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Ma Edite Volpato Fernandes

**CRICIÚMA**

**2014**

**TÍTULO:** Das memórias do Museu da Infância às memórias pessoais

## **INTRODUÇÃO/CONTEXTUALIZAÇÃO**

De acordo com o que foi exposto nesta pesquisa que tem como tema educação em museu, se atendo a conhecer o Museu da Infância e pesquisar vestígios de memória em suas oficinas de brincadeiras no CRAS Tereza Cristina em Criciúma/SC, sabe-se da importância de revelar as memórias da infância e proporcionar à criança outras possibilidades da construção de conhecimento sobre brincadeiras antigas preservando suas histórias e as culturas infantis.

Maria Isabel Leite, que colaborou na criação do Museu da Infância, defende um conceito de museu. Ela escreve que:

Compreendendo-os como espaço de troca, descoberta, produção de sentido, criação, mas, sobretudo, **espaços de memória, de história, de vida**. Sublinha-se aqui a importância, para seu processo de formação como sujeito social, histórico e cultural, dos elos e associação que a criança faz/pode fazer a partir de suas experiências estéticas com representação culturais de outros tempos-espaços e com pessoas de outras gerações. (2006, p. 74, grifo meu).

A partir disso é importante que o licenciado em Artes Visuais que tem em sua formação acadêmica a possibilidade de atuar em espaços não formais de educação, por meio da apresentação dessa pesquisa tenha conhecimento da história do Museu da Infância, sensibilizando-se sobre a importância do brincar e de proporcionar aos seus alunos vivências que preservem as memórias das infâncias e o registro de suas memórias pessoais, como escreve Reddig (2010, p. 7.):

E, por entender que a infância não é apenas um sentimento e que a criança é uma pessoa que vive seus processos, sua história, em muitos tempos e lugares, compreendo que nós, educadores ou não, temos um papel a desempenhar para garantir às crianças uma infância que possibilite a ela conhecer e interagir com sua cultura, os espaços formais e não formais de educação, buscando aprender, sonhar, imaginar e criar.

O projeto também abrange a equipe do Museu da Infância e demais interessados na temática referente a museu, memória e infância, sendo realizado em dois momentos, primeiramente a apresentação da pesquisa e posteriormente uma

oficina de roda de memória onde os participantes levarão objetos/brinquedos pessoais e terão a oportunidade de conversar sobre suas infâncias.

**OBJETIVO GERAL:** Proporcionar aos licenciados em Artes Visuais, a equipe do Museu da Infância e demais interessados na temática pesquisada, a conhecer o Museu da Infância e a pesquisa sobre os vestígios de memória do projeto de extensão O Museu e o CRAS e por meio de oficina de roda de memórias proporcionar a revelação de memórias de suas infâncias, tendo como objetivo a sensibilização da importância de vivências como essa para seus alunos.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Conhecer a história do Museu da Infância, a fim de que o compreendam como um espaço de educação não formal;
- Conhecer a pesquisa sobre os vestígios de memória do projeto de extensão O Museu e o CRAS;
- Vivenciar uma oficina de roda de memória sobre memórias pessoais de suas infâncias, a fim de que se sensibilizem sobre a importância de proporcionar vivências semelhantes a seus alunos.

**PROPOSTA DA CARGA HORÁRIA:** 5h/a

**PÚBLICO ALVO:** Acadêmicos e formandos de Artes Visuais, equipe do Museu da Infância e demais interessados na temática pesquisada.

**EMENTA:** História do Museu da Infância, pesquisa sobre vestígios de memória do projeto de extensão O Museu e o CRAS, importância do brincar, preservação da memória através de vivência.

**METODOLOGIA:**

Encontro	Carga horária	Proposições
1º	2h	Apresentação resumida e em forma de PowerPoint da pesquisa de conclusão de

		<p>concurso com o título: vestígios de memórias: o Museu da Infância e as oficinas do projeto de extensão no CRAS; Abertura para debate e questionamentos a cerca do que foi exposto; Prévia do próximo encontro e pedido para que pesquisem e tragam algum objeto/brinquedo relacionado a suas infâncias.</p>
2º	3h	<p>Oficina de roda de memória onde será proposto que sentados em cadeiras organizadas em formato de círculo, cada um apresente ao grupo o objeto/brinquedo que levou para a oficina relatando sobre sua infância dando ênfase aos brinquedos e brincadeiras, analisando as diferentes infâncias e as semelhanças apresentadas. Por meio desta vivência sensibilizar aos licenciados em Artes Visuais equipe do Museu da Infância e demais presentes sobre a importância de proporcionar as crianças o conhecimento dessas histórias e o contato com essas brincadeiras a fim de que a cultura e a memória sejam preservadas na ação do brincar.</p>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEITE, Maria Isabel. **Crianças, velhos e Museu: memória e descoberta.** In: PARK, Margareth; SIERO, Renata (orgs.). Cadernos Cedes. Capinas: UNICAMP, 2006.

REDDIG, Amalhene Baesso. **Museus Catarinenses e a Infância: Memórias e Coleções.** Seminário de Pesquisa da Linha “educação, Linguagem e Memória”, Criciúma, 2010.

## APÊNDICE B – Autorização Museu da Infância

AUTORIZAÇÃO: MUSEU DA INFÂNCIA/UNESC

Autorizo Aline Ferreira Medeiros,  
nacionalidade brasileira, estado civil solteira  
portador (a) do CPF n. 086.596.889-61 e RG  
n. 6509926, com endereço na Rua  
Getúlio Candido Albino, n. 270 – Bairro  
Nova Esperança, Cidade Criciúma,  
Estado SC, acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais da  
UNESC a apresentar em seu Trabalho de Conclusão de Curso –TCC, os dados  
referentes à pesquisa sobre o Museu da Infância e sobre o Projeto de Extensão O  
Museu e o CRAS realizado em 2013 no bairro Tereza Cristina, incluindo o uso dos  
relatórios e das imagens (fotos) das atividades do Museu da Infância/UNESC –  
Universidade do Extremo Sul Catarinense, mantida pela FUCRI – Fundação  
Educativa de Criciúma.

Criciúma, 23 de Outubro de 2014.



Edina Regina Baumer  
Coordenadora do Museu da Infância

**ANEXO(S)**

ANEXO A - fotos oficina do dia 03 de abril de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.

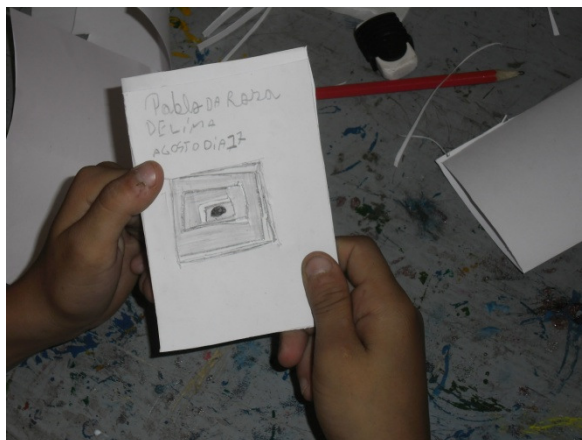
ANEXO B - foto oficina do dia 17 de abril de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.



ANEXO C – fotos oficina do dia 24 de abril de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.

ANEXO D – foto oficina do dia 08 de maio de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.

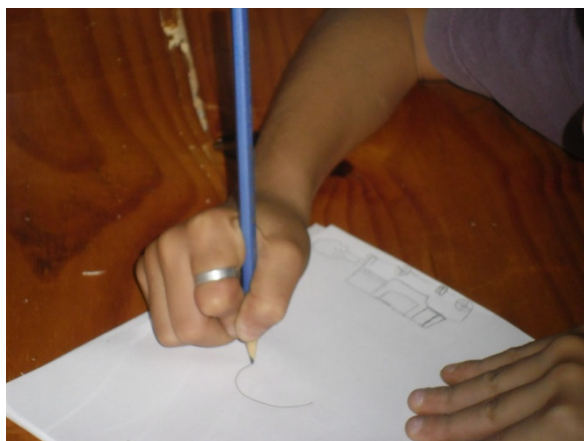
## ANEXO E – fotos oficina do dia 15 de maio de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.



## ANEXO F – fotos oficina do dia 29 de maio de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.



## ANEXO G – fotos oficina do dia 12 de junho de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.

## ANEXO H – fotos oficina do dia 19 de junho de 2013

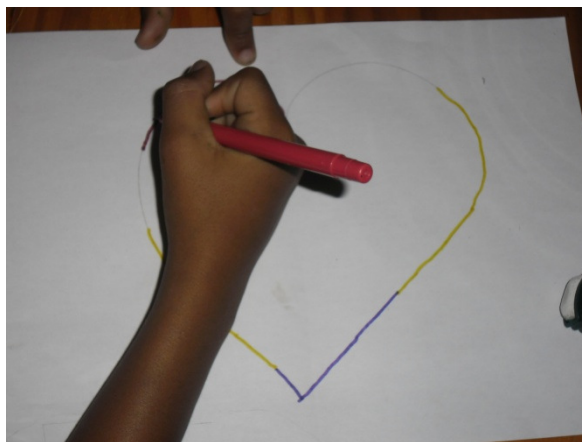


Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.

ANEXO I – fotos oficina do dia 26 de junho de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.



ANEXO J – foto visita ao museu da infância no dia 28 de junho de 2013



Fonte: Museu da Infância, Ano 2013.

